

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

MARIANA OURIQUES

O JORNAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

FLORIANÓPOLIS/SC

2020

MARIANA OURIQUES

O JORNAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade Estadual de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Núcia Alexandra Silva de Oliveira

FLORIANÓPOLIS

2020

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UEDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Ouriques, Mariana

O jornal em sala de aula : uma experiência no Ensino de
História / Mariana Ouriques. -- 2020.
94 p.

Orientadora: Núcia Alexandra Silva de Oliveira
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Florianópolis,
2020.

1. Jornal. 2. Fonte histórica. 3. Ensino de História. 4. Sequência
didática. I. Oliveira, Núcia Alexandra Silva de. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de
História. III. Título.

MARIANA OURIQUES

O JORNAL EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ensino de História, no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Estado de Santa Catarina.

Banca Julgadora

Orientadora: _____

Dra. Núcia Alexandra Silva de Oliveira

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____

Dra. Caroline Jaques Cubas

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: _____

Dra. Samira Peruchi Moretto

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

Florianópolis, 24 de novembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos professores que atuam no Mestrado Profissional de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), especialmente aos que pude acompanhar como estudante: Dr. Luiz Felipe Falcão (*in memoriam*), Dra. Márcia Ramos de Oliveira, Dra. Luciana Rossato, Dra. Luisa Tombini Wittmann. Ao Dr. Emerson César de Campos do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UDESC onde aprendi muito sobre a história das cidades. Aos professores Dra. Caroline Jaques Cubas e Dr. Reinaldo Lindolfo Lohn, pelas ótimas contribuições na qualificação. A professora Dra. Samira Moretto, por aceitar compor a banca de defesa e contribuir com seus apontamentos e sugestões.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Dra. Núcia Alexandra Silva de Oliveira, pela paciência e competência em me guiar neste trabalho.

Agradeço a técnica em educação do Comitê de Ética da UDESC, Rosangela Morais, pelo auxílio prestado.

Agradeço aos mantenedores da Hemeroteca Digital Catarinense, onde esse trabalho foi possível.

Agradeço aos meus colegas de turma, por todo aprendizado e amizade que construímos juntos.

Agradeço à minha amiga Bruna Michels, que nunca deixou de me incentivar e apoiar.

Agradeço à minha família por compreender minha ausência nas longas horas dedicadas ao trabalho.

Por fim, agradeço imensamente aos meus estudantes da EEB Rosa Torres de Miranda por aceitarem participar desta pesquisa tão prontamente. Esse trabalho é nosso!

E Guttemberg, esse herói
Ao descobrir a imprensa
Essa epopeia imensa
Com glória ingente sonhava
Na luz por certo nadava
Já tinha os louros na mão!

A imprensa, Cruz e Sousa (1880)

RESUMO

Esta dissertação apresenta o processo de produção e realização de sequências didáticas que utilizam o jornal como fonte para o Ensino de História. Estas sequências foram realizadas em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, localizada em Florianópolis/SC. As cinco sequências produzidas abordam temáticas relacionadas ao processo de Modernização de Desterro, atual Florianópolis/SC e utilizam, dentre outras fontes, o jornal *O Moleque*, que circulou na capital catarinense no fim do século XIX e teve como um de seus principais redatores, o poeta simbolista Cruz e Sousa. Esta dissertação objetiva debater a potencialidade do jornal nas aulas de História e utiliza sequências didáticas como recurso metodológico que possibilitou a presente pesquisa. Para dar suporte à pesquisa foram utilizados como referência pesquisadores e pesquisadoras como Flávia Caimi e Fernando Seffner no debate sobre o Ensino de História. Por sua vez, Tânia de Lucca e Kátia Abud são referências utilizadas na discussão quanto ao uso do jornal como fonte histórica e para o ensino de História. Para compreender e contextualizar o período e o local estudado nas sequências, a Desterro do século XIX, bem como o próprio jornal *O Moleque* foram utilizados trabalhos de historiadores e historiadoras como Joana Maria Pedro, Hermetes Reis de Araújo e Elisabete Espíndola. O trabalho de Antonio Zaballa serviu de suporte para o planejamento e a realização das sequências didáticas. A ideia de uma dissertação propositiva que utiliza a sequência didática como metodologia foi motivada especialmente pela compreensão que o aprendizado é processual e contínuo e que esta proposta qualifica uma análise qualitativa dos estudantes dentro do Ensino de História. A presente dissertação divide-se em três capítulos: o primeiro debate o uso das fontes, especialmente do jornal no Ensino de História; o segundo apresenta o jornal *O Moleque*, contextualizado em Desterro do final do século XIX e as temáticas selecionadas para construção das sequências; já o último capítulo apresenta a realização e os resultados das sequências didáticas. O jornal demonstrou seu potencial nas aulas de História ao instigar a curiosidade e o debate entre os estudantes.

Palavras chave: JORNAL. FONTE HISTÓRICA. ENSINO DE HISTÓRIA. SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

ABSTRACT

This MA thesis presents the process of production and performance of didactic sequences using a newspaper as historical sources for History Teaching. These sequences were performed in two 9th-grade classes at Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, located in Florianópolis, Brazil. The five sequences produced approach topics related to the process of modernizing the city of Desterro (currently Florianópolis) using, among other historical sources, the newspaper *O Moleque*, which circulated in the state capital in the late 19th century and had the poet Cruz e Sousa as one of its main editors. This thesis aims at debating the potential of newspapers in History classes, using didactic sequences as the methodological resource that enabled this study. To support the study, reference researchers such as Flávia Caimi and Fernando Seffner were mentioned in the debate on History Teaching. In turn, Tânia de Lucca and Kátia Abud are references used in the discussion of using newspapers both as historical sources and for history teaching. In order to understand and contextualize the period and setting studied in these sequences, the 19th-century Desterro and the newspaper *O Moleque*, papers by historians such as Joana Maria Pedro, Hermes Reis de Araújo, and Elisabete Espíndola were also used. The study by Antonio Zaballa supported the planning and performance of didactic sequences. The idea of a propositional thesis using a didactic sequence as methodology was particularly motivated by the understanding that learning is a continuous process and that this proposition validates a qualitative analysis of students within History teaching. This thesis is divided in three chapters: first, a debate on the use of historical sources, especially of newspapers in History Teaching; second, a presentation of the newspaper *O Moleque*, contextualized in late 19th-century Desterro, and the topics selected to construct the sequences; and thirdly a presentation of the performance and results of said didactic sequences. The newspaper proved to have high potential in History classes by instigating curiosity and debate among students.

Keywords: NEWSPAPER. HISTORICAL SOURCES. HISTORY TEACHING. DIDACTIC SEQUENCE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa e quarta página do Jornal <i>O Moleque</i>	34
Figura 2- Capa do Jornal <i>O Moleque</i> (falta de iluminação pública)	40
Figura 3- Descarte de lixo na Praia do Menino Deus.....	41
Figura 4- Lixo na Praia do Menino Deus	42
Figura 5- Capa do Jornal <i>O Moleque</i> (inspetor de saúde)	43
Figura 6 - Figura da morte caminhando na Praia do Menino Deus	44
Figura 7- Capas das edições do jornal <i>O Moleque</i> analisadas pelos estudantes	63
Figura 8 – Tabela das temáticas levantadas pela turma 91.....	64
Figura 9 – Tabela das temáticas levantadas pela turma 92.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Plano 1	49
Quadro 2- Plano 2	51
Quadro 3- Plano 3	54
Quadro 4- Plano 4	56
Quadro 5- Plano 5	58
Quadro 6 – Temáticas do jornal <i>O Moleque</i> (Turma 91)	65
Quadro 7 – Temáticas do jornal <i>O Moleque</i> (Turma 92)	65
Quadro 8 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 1)	67
Quadro 9 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 2)	67
Quadro 10 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 3)	67
Quadro 11 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 1)	69
Quadro 12 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 2)	70
Quadro 13 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 3)	70
Quadro 14 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 1)	72
Quadro 15 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 2)	72
Quadro 16 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 3)	73
Quadro 17 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 4)	73
Quadro 18 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 1)	74
Quadro 19 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 2)	74
Quadro 20 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 3)	75
Quadro 21 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 4)	75

Quadro 22 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 1)	76
Quadro 23 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 2)	77
Quadro 24 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 3)	77
Quadro 25 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 4)	77
Quadro 26 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 5)	78

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. ENSINO DE HISTÓRIA E SEUS RECURSOS: O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA	22
2.1 ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DE FONTES: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS.....	22
2.2 O JORNAL COMO RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	30
3. O MOLEQUE: UM JORNAL DE DESTERRO	34
3.1 JORNAL <i>O MOLEQUE</i> E A DESTERRO DO FINAL DO SÉCULO XIX.....	34
3.2 OS DIFERENTES DEBATES DO JORNAL <i>O MOLEQUE</i>	39
3.3 PLANEJANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS A PARTIR D' <i>O MOLEQUE</i>	46
4. O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA: REALIZANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	61
4.1 REALIZANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	61
4.1.1 PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	62
4.1.2 SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	69
4.1.3 TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	71
4.1.4 QUARTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	74
4.1.5 QUINTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	76
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS.....	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	89

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ produzida no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) apresenta a construção (planejamento e realização) de 5 sequências didáticas para o 9º. ano do Ensino Fundamental utilizando o jornal *O Moleque* como fonte histórica para o estudo do processo de modernização de Desterro, atual Florianópolis/SC, no final do século XIX. Buscando perceber a potencialidade do jornal como fonte no Ensino de História, utilizei as sequências didáticas como recurso metodológico para realização desta pesquisa na Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda.²

A sequência didática é um recurso que através de atividades ordenadas e articuladas busca a qualificação do aprendizado dos alunos (ZABALA, 1998), a escolha por este se deu por poder observar todo o processo de contato dos alunos com o jornal escolhido. Já a escolha, pelo *O Moleque*, ocorreu especialmente por sua importância para a história da cidade através dos nomes ilustres deste periódico. Foi fundado por Othon D'Eça, teve como colaboradores o escritor Virgílio Várzea e o famoso poeta Cruz e Sousa.

A ideia desta dissertação surge da necessidade de qualificar e problematizar o processo de ensino e aprendizagem utilizando a imprensa nas aulas de História. Para operacionalizar este trabalho foi utilizado o jornal *O Moleque* que circulou na cidade de Desterro, atual Florianópolis/SC entre 1884 e 1885. Este foi um semanário publicado quatro vezes ao mês, fundado por Othon Gama D'Eça e que posteriormente teve como colaboradores Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. Suas críticas aos problemas urbanos da cidade de Desterro, a morosidade do poder público em resolvê-los, além do discurso abolicionista faziam parte das edições deste periódico. Foi dentro deste debate de críticas aos problemas urbanos e ao trabalho escravo no Brasil que foram produzidas as sequências didáticas dentro do eixo temático intitulado “Modernização de Desterro”. Cabe destacar que o acesso a esta fonte foi imensamente facilitado

¹ Esta dissertação foi produzida vinculada ao grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas, certificado pelo CNPq e que recebe apoio da FAPESC em seus editais de apoio aos grupos de pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina.

² O projeto de pesquisa desta dissertação por envolver estudantes foi submetido ao Comitê de Ética da UDESC. O parecer final foi aprovado sob o número **3.760. 655**.

devido ao processo de digitalização feito neste e em outros jornais que estão disponíveis ao público no site da Hemeroteca Digital Catarinense³.

A reflexão sobre minha trajetória docente é repleta de questionamentos sobre a atual situação do magistério na Educação Básica. Minha primeira experiência efetiva na área foi o estágio de docência durante a graduação na UFSC e a partir de 2012 comecei a lecionar na rede pública, municipal e estadual, como professora substituta. Trabalhar de forma temporária tem sido a realidade de diversos colegas de profissão que, além da baixa remuneração recebida, ainda vivem a angústia de conseguirem uma vaga para lecionar a cada início de ano. Apesar de cada unidade educativa possuir a sua realidade, as dificuldades que encontramos são frequentemente as mesmas: turmas lotadas, desinteresse dos estudantes, falta de material didático, espaço físico carente de manutenção, profissionais adoecidos. O cotidiano de um professor da rede pública é de um ambiente inadequado de trabalho – onde os poucos recursos são o quadro, giz - e a responsabilidade de construir reflexões e problematizações no âmbito de sua disciplina para muitos estudantes ao longo de um ano letivo. O processo de refletir sobre os problemas da educação escolar não devem ser aqui omitidos ao pensarmos o ensino de História já que este deve ser pensado e planejado a partir da realidade da comunidade escolar onde se insere.

Assim, este trabalho se origina das inúmeras inquietações que surgem no cotidiano escolar e que me fazem refletir muito sobre a nossa prática diária e a realidade na qual estamos inseridos. Ao lecionar a cada ano letivo em uma unidade escolar diferente nos deparamos com realidades diversas como o pouco material didático disponível para o trabalho pedagógico, surgindo daí, por exemplo, a necessidade de repensar as nossas práticas e métodos pensando no grupo de estudantes com o qual iremos trabalhar. Dentro deste contexto de poucas opções de materiais, onde muitas vezes o livro didático é o único material disponível, faz parte de nosso cotidiano selecionar novos materiais ou muitas vezes até produzi-los. Assim, imagens, mapas históricos, filmes, documentários, textos diversos, enfim, diversas fontes históricas têm espaço nas aulas de História. Acredito que o uso de fontes no Ensino de História busca aproximar os estudantes às condições de construção do conhecimento histórico (BARCA, 2001; CAIMI,

³ A Hemeroteca Digital Catarinense propõe a divulgação do acervo documental de publicações periódicas, em especial jornais editados e publicados em Santa Catarina a partir do século XIX. Trata-se de uma parceria realizada entre o Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) / IDCH - Instituto de documentação e Investigação em Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina e a Biblioteca Pública de Santa Catarina - Fundação Catarinense de Cultura. Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>

2008; PEREIRA, SEFFNER, 2008) através da análise e da problematização, e o espaço da sala de aula demonstra um espaço potencial de reflexões que motivam à pesquisa e a construção do conhecimento. Neste sentido, o jornal será aqui utilizado buscando incentivar o debate e a problematização dos estudantes sobre determinado período histórico a ser estudado.

Esta pesquisa busca compreender o potencial do jornal enquanto fonte histórica em sala de aula, e este objetivo, como já mencionei, é proveniente do meu cotidiano de docente em escolas públicas de Florianópolis. Buscando sempre novas maneiras de inserir os diferentes conteúdos de História em sala de aula, encontrei nos jornais um modo de trazer aos alunos uma fonte que os faça refletir sobre o período histórico estudado através de notícias, debates e imagens. Entendo que por trazer diferentes seções como charges, colunas de opinião, classificados, quadrinhos, entrevistas, notícias diversas, o jornal é uma fonte que oferece diferentes opções para pesquisa e produção do conhecimento histórico.

Em minha prática docente, as páginas de jornais locais (que se tornaram para mim um material frequente no estudo de diferentes eixos temáticos) são utilizadas enquanto fontes históricas em abordagens diversas: para fomentar o debate, para a produção textual e para a pesquisa. Com este material tão rico em textos, imagens, opiniões e informações sobre o tema estudado tenho a possibilidade de ampliar a visão dos estudantes para além do livro didático através da problematização e contextualização da fonte histórica e conseqüentemente da temática em questão. É o uso deste material em sala de aula que abordo nesta pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino de História, buscando aperfeiçoar a minha prática e refletir sobre meu trabalho como docente da Educação Básica. Pois, entendo que em suas diferentes seções e nas possíveis formas de abordagens, os jornais podem fazer parte do planejamento de ensino anual na disciplina de História.

Cabe lembrar que o uso dos jornais trouxe para historiografia um ganho importante ao possibilitar um campo de consulta muito rico para novas pesquisas (CRUZ, PEIXOTO, 2014; LUCA, 2008). Dentro do período e espaço que serão estudados nas sequências didáticas, o final do século XIX em Desterro, o jornal foi o meio de comunicação mais amplo. Este, enquanto veículo de informação, era o veículo cultural que a reduzida parcela da população de Desterro que era alfabetizada lia. É possível que nas camadas mais populares, as conversas e redes informais de comunicação, fossem mais eficientes que os jornais. Porém, provavelmente as “notícias, os folhetins, os provérbios, as quadrinhas, presentes nos jornais, também circulavam

para além dos meros assinantes e dos leitores dos jornais, através de redes informais de comunicação” (PEDRO, 1995, p. 71).

Atualmente, ainda que o jornal esteja distante da realidade da grande maioria dos estudantes pois já não é mais uma ferramenta comum em nosso cotidiano, seu uso em sala de aula – como fonte - mesmo que desafiador, pode proporcionar diferentes debates e obter reflexões acerca de diversas temáticas na disciplina de História. Assim, a proposta deste trabalho, de utilizar jornais em sequências didáticas, busca a apropriação pelos estudantes do conteúdo proposto de forma processual e contínua. Segundo Flávia Caimi, existem importantes indicações que “preconizam o papel ativo do estudante nos procedimentos de compreensão e interpretação” através do uso de fontes, que podem, segundo a autora, “favorecer a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma” (CAIMI, 2008, p.141).

Para dar conta das discussões anunciadas como objetivo do trabalho, foram mobilizadas diferentes referências historiográficas e da área de Ensino de História para viabilizar as reflexões sobre o jornal como fonte historiográfica e para o ensino de história, bem como para a compreensão do processo de desenvolvimento do aprendizado dos estudantes.

As discussões sobre o conceito de fonte ou documento histórico, bem como sua própria historiografia, foram articuladas junto aos textos de Jacques Le Goff, especialmente em *Documento/Monumento* (1990), onde o autor debate não só a mudança do conceito de fonte, como analisa a produção da própria fonte. Observa-se aqui a importância do estudo do contexto de produção destas fontes. Sua leitura permitiu compreender o lugar que a fonte histórica tem dentro da própria História e o papel do historiador diante de sua principal ferramenta de trabalho.

As fontes históricas, hoje muito mais diversas, são essenciais para o trabalho do historiador. Segundo Marc Bloch “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz, escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Vale lembrar que este conceito mais amplo de fonte histórica está ancorado na Nova História, nome este derivado da obra *Fazer História* que foi organizada pelos historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora. A ideia da Nova História surgiu nos anos 1970 como uma nova corrente historiográfica derivada da terceira geração da chamada Escola dos Annales. Neste período, os historiadores, deixaram de lado os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e voltavam suas atenções “para as investigações da vida social e da vida cotidiana de criados, operários, mulheres, grupos étnicos e congêneres” (HUNT, 1992,

p. 2). Na busca por essas novas temáticas foi necessário debruçar-se em novas fontes que dessem conta desta nova História. Ao propor novos objetos, problemas e abordagens, a Nova História possibilitou trazer aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores, e apenas abordados por determinadas ciências como a Antropologia e a Etnologia. Para suprir estas lacunas e silêncios, a ampliação da noção de fonte histórica será ponto essencial neste novo olhar da História (REIS, 1994).

O uso de jornais dentro da pesquisa histórica possibilitou o surgimento de diversos trabalhos como *História nas Bancas de Revistas: Um País Impresso Entre Representações Sociais e Culturas Políticas* (2016) organizado por Reinaldo Lindolfo Lohn e que mostra a importância dos meios de comunicação de massa para o meio político através de artigos que utilizam como fonte não só os jornais mas também revistas como a *Veja*, revista de grande circulação nacional. Também a obra *Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil 1960-1980* (2014) organizada por Silvia Fávero Arend e que analisa o período da ditadura-civil militar no Brasil e seu processo de democratização através da imprensa, que foi parte constitutiva deste e de outros processos históricos.

O trabalho de Tania de Luca apontou para o potencial do jornal enquanto fonte histórica quando analisou a história dos periódicos e por meio dos mesmos. A autora revisou a história da imprensa e apresentou o caminho à “centralidade dos periódicos na produção do saber histórico” (LUCA, 2008, p. 112), ocorrido através da ampliação da ideia de fonte proposta pela Escola dos *Annales*. A historiadora nos apresenta o percurso do jornal como fonte e diz que esse caminho vai “da desconsideração à centralidade dos periódicos na produção do saber histórico” (LUCA, 2008, p.112). Neste percurso, acompanhado das renovações temáticas, das problemáticas e dos procedimentos metodológicos, a autora mostra a importância dos jornais enquanto obras de projetos coletivos, “por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretenda difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2008, p. 140).

Ao pensar no jornal como fonte histórica dentro do mesmo contexto histórico da cidade estudada pelos estudantes nas sequências didáticas, a autora Joana Maria Pedro trouxe em sua obra *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX* (1995) uma importante contribuição para compreender os aspectos sociais e econômicos deste período. A autora faz uma análise da imprensa de Desterro durante o século XIX, acompanhando o aparecimento de diversos jornais e através destes mostrando os debates e disputas políticas nas páginas dos jornais. O período de fundação d’*O Moleque* foi segundo a autora muito fértil no

surgimento de diversos jornais, especialmente por ser época de eleições e de mudança de ministério na Corte, além do fortalecimento da campanha abolicionista, que fez surgir inclusive clubes que apoiavam esta causa em Desterro (PEDRO, 1995, p.77).

Ainda sobre a cidade, cabe dizer que os problemas urbanos e transformações ocorridos em Desterro são, nesta dissertação, estudados através de trabalhos como *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República* (1989) do autor Hermetes Reis de Araújo que apesar de utilizar um recorte histórico posterior aos utilizados nas sequências didáticas, este retorna ao final do século anterior dando um panorama muito rico sobre a capital catarinense. Já em questões sociais como a escravidão e seu processo de abolição, a obra *História Diversa* (2013) faz importante contribuição neste trabalho dentro deste debate, os autores da obra enfatizam o surgimento de jornais e clubes abolicionistas neste período em Desterro.

Para dialogar com as possibilidades dos jornais em aulas de História utilizei dissertações do ProfHistória, como a *Imprensa64.pro.br: materiais didáticos sobre o golpe de estado 'por meio da imprensa brasileira* (HACHMANN, 2016) que utiliza atividades elaboradas a partir de jornais e a dissertação *O trabalho com fontes impressas periódicas nas aulas de história: um estudo de caso sobre o desenvolvimento do pensamento histórico* (ADRIANO, 2018) que também utiliza jornais na sala na construção de narrativas históricas.

Sobre o Ensino de História foram utilizados autores que debatem o uso das fontes históricas em sala de aula como Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner (2008) no artigo *O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula* onde os autores refletem sobre o uso das fontes como estratégia para ensinar História e como se deu a incorporação da chamada “revolução documental” nas salas de aula. Neste mesmo caminho, a autora Flávia Caimi (2008) no artigo *Fontes Históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar*, debate as potencialidades das fontes históricas na produção do conhecimento histórico na Educação Básica. Pensando mais especificamente sobre os jornais uma das autoras utilizadas foi Kátia Abud em *O uso de jornais nas aulas de História* (2010). A autora reflete sobre aspectos metodológicos dando suporte para subsidiar o trabalho do professor em sala de aula, além de sugerir atividades com jornais através de eixos temáticos, que para a autora “é vital para o desenvolvimento de um ensino de História de qualidade” (ABUD, 2010, p. 28).

O ensino de História busca permitir aos estudantes entrar em contato com sua própria historicidade dentro da realidade social onde se inserem, compreenderem-se como sujeitos históricos atuantes no contexto onde vivem. O estudo desta disciplina tem como cerne a compreensão de si próprio e sua sociedade, utilizando conceitos para ler sua realidade. O trabalho com fontes históricas possui potencial para “mostrar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 126). Assim compreende-se que utilizar fontes como meio de ler representações de um determinado período histórico que circulavam em uma sociedade pode ser muito profícuo para provocar a interpretação de estudantes sobre a realidade em que vivem.

Estudar este ou outro período da História em sala de aula exige do docente planejamento, e isto demanda pesquisa e muita dedicação. O uso de fontes desempenha um importante papel ao trazer realidades passadas da forma mais concreta para as aulas de história e o uso de jornais e toda sua pluralidade de informações, enquanto fonte histórica, busca através de uma análise crítica e adequada para os estudantes, contribuir para a construção do conhecimento dentro das aulas de História.

Assim, buscando compreender **qual o potencial pedagógico do jornal como fonte histórica** foram produzidas, realizadas e analisadas sequências didáticas onde os jornais foram utilizados e problematizados como fontes e recursos de aprendizagem para o ensino de História no Ensino Fundamental. Como já mencionado, o jornal escolhido para a produção das sequências foi *O Moleque*. No entanto, outras fontes históricas compõem as propostas de análises dentro das sequências didáticas de modo a ampliar as discussões e fomentar diálogos com o próprio jornal.

As sequências didáticas foram escolhidas como metodologia em sala de aula para que seus resultados fossem aqui analisados. Esta escolha decorre da compreensão que o aprendizado é processual e contínuo, que através delas podemos observar como o estudante se apropriou de determinado conhecimento, se houve mudanças no decorrer das diferentes sequências, enfim se houve um ganho qualitativo do aprendizado deste sujeito.

Para a construção das sequências didáticas, o primeiro passo foi a escolha da fonte histórica para ser trabalhada dentro do conteúdo de Modernização no 9º ano do Ensino Fundamental. As abordagens para esse tema são as relacionadas a problemas urbanos tais como o saneamento básico, epidemia de febre amarela e falta de iluminação pública, além da questão social que foi a escravidão, ou seja, a ideia de modernização do século XIX, do crescimento e das mudanças nas cidades.

Para aproximar este conteúdo à realidade dos estudantes, optou-se por abordar esta temática dentro da história local. Os estudantes além de se aproximarem de fontes provenientes do período histórico em que estudaram, puderam analisar temáticas ainda comuns aos seus cotidianos. O próximo passo foi a leitura atenta do jornal buscando selecionar recortes que dessem conta da temática que seria abordada em sala de aula. Após o estudo necessário dos textos e imagens que seriam utilizados nas sequências de modo a construir recortes de conteúdo dentro da temática citada, sempre pensando em uma relação entre elas. Conforme afirma Zabala, as sequências devem se relacionar para que se possa compreender “o valor educacional que têm, as razões que as justificam e a necessidade de introduzir mudanças ou atividades novas que a melhorem” (ZABALA, 1998, p. 54), e assim, através delas, buscar a construção do conhecimento no ensino de História.

É importante frisar o papel essencial dos estudantes das duas turmas envolvidas na pesquisa. Houve um grande comprometimento do grupo em analisar os jornais e demais fontes, além da preocupação de entregarem sempre no prazo as atividades elaboradas para as sequências por fazer parte da “pesquisa da professora”. Sem esta parceria este trabalho não existiria.

O trabalho foi organizado em três capítulos, no primeiro capítulo: **Ensino de História e seus recursos: o uso do jornal em sala de aula**, discute-se o uso do jornal como fonte histórica e seu uso no Ensino de História. Convertido em fonte, o jornal nos abre um grande leque de informações, opiniões e ideias que servem de fonte tanto para o pesquisador como para os docentes da Educação Básica. Pensamos o jornal a partir de suas parcialidades, dos sujeitos que os produzem, dos contextos onde se inserem. São fontes plurais que podem auxiliar na construção de conceitos, na compreensão da produção do conhecimento histórico, além de estimular os alunos a produzirem conhecimento.

O segundo capítulo *O Moleque: um jornal de Desterro* apresenta a fonte que serviu de base para a produção das sequências didáticas que foram realizadas em duas turmas de 9º ano onde leciono, Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda. Seu objetivo é compreender os sujeitos históricos envolvidos na produção do referido jornal, e o contexto onde estava inserido, a cidade de Desterro no final do século XIX. Também foi apresentado neste capítulo as temáticas selecionadas no jornal para a construção das sequências didáticas.

O terceiro e último capítulo é intitulado **O uso do jornal em sala de aula: realizando as sequências didáticas** e apresenta o desenvolvimento da pesquisa em sala de aula, descrevendo cada aula e cada atividade feita pelos alunos. Aborda, portanto, como o processo de estudo ocorreu e debate os resultados obtidos nas diferentes abordagens e atividades

realizadas em sala de aula. Estas foram analisadas buscando compreender qual o potencial do jornal enquanto fonte histórica em sala de aula.

Trabalhar com jornais em sala de aula demonstra ser um bom exercício no Ensino de História, um esforço na busca constante de novas formas de utilizar as fontes históricas, de ampliar o debate com os estudantes, de apresentar novas visões acerca da construção histórica na sala de aula. Como afirma Flávia Caimi, ao relacionar a centralidade do uso das fontes no Ensino de História à construção do conhecimento, estas podem “desenvolver habilidades de observação, problematização, análise, comparação (...), enfim, capacidades que favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma” (CAIMI, 2008, p. 141). Este exercício tão familiar na minha prática docente, objetiva aqui ser debatido e analisado sob o olhar de diversos autores, buscando ao fim contribuir para me tornar uma profissional melhor para meus estudantes.

2 - ENSINO DE HISTÓRIA E SEUS RECURSOS: O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA

2.1 ENSINO DE HISTÓRIA E AS FONTES: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS

Pensar em Ensino de História é pensar nos objetivos desta disciplina e nas possíveis formas de atingi-los. Para grande maioria das propostas curriculares, ensinar História é buscar formar o estudante como cidadão crítico capaz de questionar e problematizar a sociedade em que vive, compreender o presente através do estudo passado e entender-se como sujeito histórico contribuinte na construção de uma sociedade mais democrática e justa (BITTENCOURT, 2002).

Circe Bittencourt (2018) ao refletir sobre o Ensino de História faz uma análise sobre esta disciplina ao longo do tempo. Segundo a autora, dentro da trajetória escolar, o estudo da História esteve até pouco tempo ligado a ideia de estudos de uma sucessão cronológica que privilegiava uma origem branca e cristã, já atualmente está muito mais comprometido em inserir uma multiplicidade de sujeitos. A autora salienta a mudança ocorrida nos currículos a partir da Lei de Diretrizes e Bases (1996) que se estendeu às escolas quilombolas e indígenas e ainda a luta de movimentos sociais com a introdução do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras (Lei 10.639/2003) e da História Indígena (Lei 11.645/2008). São mudanças significativas de inserção de novos conteúdos históricos “com base em seu compromisso de formação de uma cidadania democrática” (BITTENCOURT, 2018, p. 142).

Selva Guimarães Fonseca (2003) considera que é preciso pensar na disciplina de História essencialmente como “educativa, formativa, emancipadora e libertadora” (FONSECA, 2003, p. 89), pensá-la ainda inserida no interior de lutas políticas e culturais. O cotidiano da disciplina com seus debates, seus diferentes conceitos, a conexão dos conteúdos com a realidade dos alunos, são caminhos na busca por estes objetivos. Segundo a autora é a partir dos anos 1980 que o papel da História como uma disciplina crítica e formativa passa a ser defendido como um meio de socialização e de formação cidadã. O que nos leva a pensar na potencialidade da disciplina de História como um saber fundamental na formação de estudantes, sujeitos de uma sociedade plural e que ensina a respeitar a diferença, contribuindo na sociedade em que vivemos.

A busca pela ampliação do campo de ensino com a inserção de temas, problemas e fontes demonstra o compromisso da História com o fim da exclusão de sujeitos e contextos históricos antes silenciados. Pois “somente o ensino de História comprometido com a análise crítica da diversidade da experiência humana pode contribuir para a luta da sociedade: direitos do homem, democracia e paz” (FONSECA, 2003, p. 96). E ainda que os currículos ainda estejam submetidos à lógica eurocêntrica, marcos históricos estão sendo debatidos e revistos, trazendo uma nova proposta de uma formação para nossos estudantes que visa uma cidadania com vistas à uma sociedade de respeito mútuo e democrática.

Por sua vez, Fernando Seffner ao debater os saberes da docência e da disciplina de História entende que o objetivo desta é a produção de saberes de natureza histórica que façam sentidos aos estudantes e que sirvam para questionar acerca de sua vida social. E como frisa o autor, a ideia de crítica, embora um pouco desgastada, demonstra bem o principal objetivo da disciplina: que o estudante “possa olhar sua realidade, seu entorno social e político, e refletir sobre ele a partir de uma riqueza de referenciais” (SEFFNER, 2010, p. 213). A História dentro de uma perspectiva escolar busca permitir que estudantes possam abordar sua própria historicidade, compreenderem a si próprios enquanto sujeitos históricos e que possam “construir relações de pertencimento a um grupo, a uma história coletiva e a lutas coletivas” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 119). Objetiva, ainda, acumular conceitos que os auxiliem a compreenderem a sua própria realidade e a construírem suas opiniões diante de questões diversas de seu tempo.

Também destacando o caráter formativo do ensino de História, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017), atual documento norteador para o ensino, ao destacar que o estudo da História deve partir de questionamentos do presente ao passado, de elaborações de hipóteses, afirma que estas questões “nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente” (BNCC, 2017, p. 397).

Ainda pensando no potencial formativo da disciplina de História, sua presença na educação se justifica por diversas razões, conforme aponta Joaquín Prats, para auxiliar a compreensão “do presente; preparar os alunos para a vida adulta; despertar o interesse pelo passado; potencializar o sentido de identidade; ajudar os alunos na compreensão de suas próprias raízes culturais e heranças comuns; enriquecer outras áreas do currículo” (PRATS, 2006, p. 196-197). Estes elementos configuram em possibilidades formativas de estudantes, os instrumentalizado sobre uma visão de mundo mais crítica.

Assim, estudar História é debruçar-se sobre toda e qualquer experiência humana, objetivando instrumentalizar estudantes através de conceitos e conteúdos que os façam ter um olhar mais crítico sobre o mundo em que vivem, um olhar questionador sobre os problemas sociais ao qual se deparam diariamente. Que possam comprometer-se na construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais justa para viverem. Ao buscar alcançar estes objetivos, faz parte do cotidiano do trabalho docente mobilizar recursos e metodologias possíveis dentro do contexto escolar onde se atua para trazer à sala de aula o desenvolvimento de um trabalho consistente com os estudantes. Neste sentido, um recurso potente a ser utilizado no Ensino de História é o uso de fontes históricas de diversos tipos dentro dos conteúdos propostos pelos currículos.

Em minha experiência em sala de aula ao pensar e organizar o planejamento do ano letivo incluo diferentes fontes históricas, especialmente os jornais, para serem trabalhadas com os estudantes. Com o período histórico ou a temática que deverá ser estudada em mãos, faço a pesquisa em sites como da Hemeroteca Digital Catarinense ou da Biblioteca Nacional em busca de jornais que tratem do tema que será abordado, posteriormente é feita a seleção de artigos, textos jornalísticos, imagens como fotos e charges, anúncios de classificados que julgo mais pertinente ao conteúdo e aquele grupo de estudantes. A partir da seleção da fonte, é pensando na sua contextualização e em formas de problematizá-lo. Nesse sentido cabe lembrar, novamente citando Joaquín Prats (2006), que um dos objetivos do ensino de História é o de “compreender que há formas muito diferentes de adquirir, obter e avaliar informações sobre o passado” (PRATS, 2006, p. 200). Para o autor, este objetivo está ligado a forma como os dados servem para construir a explicação histórica. Para alcançá-lo, estudantes deveriam ser capazes de adquirir e extrair informações de fontes históricas, questionar sua origem e as circunstâncias de sua criação. Desta maneira, entendo que os jornais, fontes diversificadas com suas notícias, imagens e opiniões possuem grande potencial para serem utilizados na sala de aula, possibilitando o debate e a pesquisa através da contextualização e problematização.

Vale lembrar novamente da BNCC que aponta que, para pensar o ensino de História, é fundamental considerar utilizar diferentes tipos de fontes, tais como escritas, materiais, imateriais e orais. Segundo o texto, as fontes podem facilitar a “compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que as geraram. Os registros e vestígios (...) carregam em si mesmos a experiência humana, as formas de produção, tanto de objetos quanto de saberes” (BNCC, 2017, p. 398).

Porém, os jornais nem sempre foram utilizados nesta perspectiva em sala de aula. Assim como outras fontes, muito se utilizou destes materiais como forma de validação da narrativa do professor ou ainda como mera ilustração. O uso das fontes históricas pelo Ensino de História e pelos historiadores passou por grandes mudanças que valem ser observados.

Na segunda metade do século XX a chamada Nova História⁴ realizou uma revolução quanto ao conceito de fontes históricas e na forma de abordá-la, movimento conhecido como revolução documental. Segundo José Carlos Reis, se na corrente teórica anterior a documentação estava relacionada ao grande personagem histórico e suas lutas históricas, agora ela se torna muito mais ampla, lançando seu olhar sobre o homem comum. “A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais” (REIS, 1994, p. 19). A Nova História dirigiu sua atenção à todas as atividades humanas, contrapondo-se à história que se centrava em grandes feitos e em grandes nomes da História. Todos os vestígios produzidos pelo homem faziam, agora, parte de uma imensidão de possibilidades à disposição de historiadores. Marc Bloch ao tratar dos testemunhos deixados pela humanidade, fossem eles voluntários ou não, destacou a multiplicidade destes. “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Em reflexão sobre o mesmo tema, Jacques Le Goff (2005), pontua

a História Nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, documentos orais etc. (LE GOFF, 2005, p. 36-37)

A ampliação de fontes propostas pela História Nova e aqui apresentadas por Marc Bloch e Jacques Le Goff apontam para uma maior diversidade em possibilidades de pesquisa para historiadores e professores. Ao oferecer novos caminhos para serem percorridos, a História alcançou muito sujeitos que antes foram silenciados pela História. Trazer estes novos sujeitos para sala aula é dar voz aos esquecidos, a gente comum, é oportunizar aos estudantes a

⁴ Segundo o Glossário: a linguagem dos Annales, a expressão História Nova foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques Le Goff e outros, porém já havia sido utilizada anteriormente na aula inaugural na Collège de France por Lucien Febvre (BURKE, 1997).

compreensão de que somos todos sujeitos históricos. E ainda: é caminho possível para pensar os modos de escrever a história.

Se em uma perspectiva positivista, a fonte histórica era somente aquela escrita, tida como “oficial” e que não contava com a subjetividade do historiador, após a revolução documental o status de fonte é alterado: se antes servia à história de poucos, agora, mais amplo em possibilidades, tornou-se muito mais democrático servindo a história de muitos. “A documentação massiva e involuntária torna-se prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos (...), enfim, de todo tipo” (REIS, 1994, p. 19).

Hoje, com sua mudança de status, as fontes históricas, como os jornais, podem ser utilizadas de diferentes perspectivas, pois assim como uma grande diversidade de fontes, passaram a ser usados nas pesquisas de historiadores sobre os mesmos ou diferentes recortes temporais, as possibilidades de questionamentos feitos a estas fontes são inúmeras, pois conta com a subjetividade de cada historiador. Os jornais são fontes que desempenham um papel importante no registro de acontecimentos e transformações na sociedade, são fontes históricas que fazem parte do processo em que se inserem e podem, desta maneira dar suporte para compreender o período histórico ao qual queremos nos debruçar. (SILVA; FRANCO, 2010). Assim, podem ser percebidos como suporte para o estudo de informações e ideias diversas no seu contexto histórico de produção. Ou em outras palavras: os jornais são fontes de informação que podem contribuir à História pois,

convertidos em documentos, passa a ser utilizado por historiadores no cruzamento com outras fontes de informação, para que se compreendam as sociedades do passado e suas forças de relacionamento, representações, conflitos, jogos de forças e significados presentes na memória. (ABUD, 2010, p. 27)

A historiadora Tania Regina de Luca salienta a importância da imprensa para os estudos do passado, porém relembra que os impressos periódicos, como o jornal, nem sempre “desfrutaram de tal legitimidade, acusados de parciais, imprecisos e eivados de subjetividade” (LUCA, 2016, p. 25). De acordo com ela, as transformações, quanto ao olhar dado a este tipo de fonte, ocorreram com os próprios deslocamentos epistemológicos da disciplina acompanhado das renovações temáticas, das problemáticas e dos procedimentos metodológicos. Ou seja, se antes a imprensa era considerada uma fonte suspeita, devido suas

subjetividades e intenções, nas últimas décadas passamos a considerar que todas as fontes possuem as suas subjetividades e intenções que devemos lidar. Ainda conforme Tânia de Luca, “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (LUCA, 2006), como as dissertações de Maria Ligia Prado e Maria Helena Capelato que analisou editoriais do jornal *A Folha de São Paulo* no período entre 1927 e 1937.

Cabe destacar que a história da imprensa no país é iniciada a partir da Independência, entre os anos 1821 e 1823. Os primeiros periódicos abordavam mais as questões de interesse local, ainda que fossem de temática nacional. O tema central dos periódicos seguia os interesses de quem os escrevia, “mais tarde dirá respeito especialmente ao público, por ocasião da indústria cultural” (SILVA, FRANCO, 2010, p.2). Os jornais ou a imprensa de um modo geral é um fenômeno da modernidade.

Desde a concepção da máquina de tipos móveis elaborada por Guttemberg no século XV, a palavra impressa em livros, revistas, jornais e panfletos intensificou a divulgação do saber, de ideologias, ampliou o universo da ficção, colocou em circulação um saber que até então estava restrito às bibliotecas e a um grupo limitado de pessoas. (SILVA, FRANCO, 2010, p.2)

Durante a virada do século XIX para o século XX, com todos os debates em torno das campanhas abolicionista e republicana, intensificou-se no Brasil o processo de industrialização e de urbanização. Todo este processo foi acompanhado pela imprensa, esta desempenhou um papel de grande importância no registro de acontecimentos e transformações ocorridas nas cidades brasileiras. Este período marcou a transformação da imprensa, especialmente em grandes centros urbanos. No caso de Desterro, cidade de menor porte, é marcante o grande número de pequenos jornais de vida efêmera. “De qualquer modo, materializada em pequenas e/ou crescentes empresas a difusão da palavra escrita se tornou importante registro da História dos homens em sociedade”. (SILVA, FRANCO, 2010, p.3).

Os jornais com suas diversas seções, classificados, artigos de opinião e notícias, também oferecem a imagem como possibilidade de análise e pesquisa, seja ela nas caricaturas, nas fotografias e imagens diversas. Conforme Luca, “a ilustração, com ou sem fins comerciais, tornou-se parte indissociável dos jornais e revistas e os historiadores incumbiram-se de transformá-la em outro fértil veio de pesquisa” (LUCA, 2006, p. 123). Nesse sentido, é importante dizer que o uso de imagens no jornal utilizado nesta pesquisa é bastante importante, os exemplares são curtos e a presença delas ocupava grande parte das páginas do impresso que

contava com quatro páginas, sendo a capa e a última página com imagens relacionadas, especialmente, aos problemas da cidade e a questões políticas nacionais. A escolha de um impresso por um visitante de uma hemeroteca, ou do próprio pesquisador, está sujeito ao que Luca chama de “inebriante apelo visual”, considerando aqui as cores, imagens, formatos ou tipos de papel, ou seja, a aparência da fonte tem sua importância, ainda que não seja o ponto crucial da escolha dos historiadores.

O uso de fontes no Ensino de História não surgiu junto com a revolução documental promovida pela História Nova, porém a sua finalidade pedagógica passa por uma grande transformação deixando de ser uma mera prova ou ilustração de realidades passadas para tornar-se uma ferramenta que exige problematização e significação. Seu uso foi transformado conforme a própria concepção de História foi sendo modificada com o tempo. Flávia Caimi afirma que os dois campos, escolar e acadêmico, possuem suas dinâmicas próprias e que estes saberes não devem ser tomados de forma hierárquica ou de dependência. Segundo a autora ao estudar as propostas de história esboçadas nos últimos anos, pode afirmar que elas “estão afinadas, com os debates de renovação da historiografia e da pesquisa histórica” (CAIMI, 2008, p. 133).

As transformações do ensino de História ocorridas também com a incorporação de fontes, vistos agora de uma outra forma muito mais problematizada, vão se redesenhando com novas concepções e preposições para a sala de aula. O uso de fontes antes utilizada de forma ilustrativa ou comprobatória da narrativa docente aponta agora através das novas políticas para um ideário que localiza as fontes à centralidade na construção do conhecimento (CAIMI, 2008). A produtividade do uso de fontes está em proporcionar aos estudantes a natureza e a especificidade do conhecimento histórico. Seu uso não possui o objetivo de transformar o estudante em um historiador, mas estimularmos que possam compreender como “historiadores produzem conhecimento sobre o passado a partir das fontes disponíveis e quais os problemas implicados nessa produção” (PEREIRA, SEFFNER, 2008, p 127). Ou seja, retirar da fonte a função de prova, permitindo abordar a narrativa histórica como uma interpretação feita a partir de escolhas e metodologia. Trazer para os estudantes uma narrativa sobre a história diferente daquelas do cinema ou da literatura, por exemplo.

Desse modo, entendo que em sala de aula, o uso de fontes oferece um estudo subsidiado dos acontecimentos, aproxima os estudantes às condições de como se produz História e faz hoje um papel ainda mais importante diante de discursos que negam o conhecimento produzido, que desrespeitam os profissionais e a ciência. Assim como no trabalho do historiador, o professor

em sala de aula deve igualmente problematizar sua fonte, trazendo aos estudantes “o papel que as fontes assumem no interior de cada geração de cada uso que delas se faz” (PEREIRA, SEFFNER, 2008, p. 123), buscando o papel de determinada fonte histórica no período em que foi produzida. A fonte, portanto, irá receber uma perspectiva histórica a partir de sua problematização e, para tanto, é fundamental uma análise do contexto em que foi escrito (CARVALHO; ZAMPA, 2017).

Mais do que objetos ilustrativos, as fontes são trabalhadas no sentido de desenvolver habilidades de observação, problematização, análise, comparação, formulação de hipóteses, crítica, produção de sínteses, reconhecimento de diferenças e semelhanças, enfim, capacidades que favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma (CAIMI, 2008, 141).

Compreende-se assim que as fontes, antes utilizadas como prova da realidade passada ou como comprovação da narrativa do professor, passou por mudanças em seu uso didático. Flávia Caimi (2008) ao tratar sobre a incorporação de fontes na história escolar, afirma que já podemos identificar em políticas educacionais como nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, “inúmeros componentes de uma nova abordagem metodológica para o tratamento de fontes na história escolar”. Segundo a autora, há registro do uso de fontes durante todo século XX em manuais e livros didáticos, assim como o incentivo ao seu uso. O que modificará nas últimas décadas é a compreensão de sua finalidade nas aulas de História, sendo crucial a significação e problematização das fontes.

Com uma nova concepção de fonte histórica, fez-se necessário repensar seu uso em sala de aula. Para analisá-las não basta somente apresentar aos estudantes, mas trazer oportunidades que estes sejam problematizados, oportunizando a reflexão sobre a constituição e a natureza destas fontes. O professor ao inserir o uso de fontes em seu planejamento deve buscar como objetivo que seus estudantes sejam capazes de questionar e perceber o que as informações ali contidas podem indicar.

O uso das fontes no Ensino de História, ainda que já bastante recorrente entre os professores, é bastante desafiador pois para inseri-los em uma perspectiva de produção de conhecimento é necessária a compreensão de que a pesquisa e o ensino são condições do “mesmo fazer historiográfico/pedagógico e que aprender história pressupõe compreender os mecanismos e condições de sua produção” (CAIMI, 2008, p. 147)

O ensino de história é formativo, forma sujeitos através da construção do conhecimento que perpassa inclusive por eles mesmos, é dialético à medida que todo conhecimento construído em sala de aula é produzido por esta dinâmica entre o professor mediador e o estudante. Por meio das diferentes interações que construímos, aprendemos e ensinamos história, “mas é na educação escolar que, fundamentalmente, produzimos novas maneiras de ler, compreender, escrever, viver e fazer história” (FONSECA, 2009, p. 11).

Considerando todos os aspectos anunciados até aqui, cabe dizer que a escolha do jornal como fonte presente em minhas aulas surgiu ainda na graduação, perpassando pelo seu uso em artigos e em outros trabalhos acadêmicos, incluindo a pesquisa de conclusão de curso. Utilizar esta ou outras fontes neste processo de construção coletiva de conhecimento é um desafio que escolhi empreender com meus estudantes e trazendo esta prática para o debate com diferentes autores pretendo qualificar e problematizar minhas escolhas como professora.

2.2 O JORNAL COMO RECURSO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Como dito anteriormente, entre os diferentes tipos de fontes possíveis no Ensino de História, o jornal é uma escolha frequente nas minhas aulas. A disponibilidade trazida pelos processos de digitalização de inúmeros acervos publicados em sites como o da Biblioteca Nacional Digital e de hemerotecas como a de Santa de Catarina tornou o acesso a fonte muito mais rápido, facilitando o trabalho de pesquisa. Assim, a ideia desta dissertação surgiu exatamente da prática em sala de aula visto que como já anunciado na introdução, frequentemente utilizo jornais nas aulas buscando não só observar as diferentes interpretações que a fonte pode ter pelo olhar dos estudantes, como os questionamentos que ele pode trazer. Seu uso permite diferentes abordagens dependendo da idade dos estudantes e do conteúdo trabalhado, além de diferentes perspectivas visto que os jornais possuem diferentes seções como charges, artigos, classificados ou artigos de opinião.

Ao buscar instrumentalizar os estudantes com ferramentas que possibilitem a leitura de suas próprias realidades e da sociedade em que vivem, o Ensino de História encontra nos jornais “auxílio na formação de novos conhecimentos e conceitos, na ampliação do pensamento crítico do estudante e, conseqüentemente de suas leituras do mundo” (ABUD, 2010, p. 29). O jornal, meio formal mais popular de acesso às informações, pode trazer para o Ensino de História um

grande potencial como recurso didático, pois sua pluralidade/variedade de informações, ideias e opiniões possibilitam que estudantes se aproximem de formas de representação das realidades do passado e do presente, podendo auxiliar no processo de interpretação da realidade em que vivem. Além de que o contato com fontes poderá ainda contribuir na compreensão de como ocorre a construção do conhecimento histórico. Porém, é importante salientar que os jornais em sua grande maioria serviam às elites locais, portanto a pluralidade citada sobre o uso do jornal diz respeito às diferentes possibilidades que o jornal possui para o trabalho do historiador: imagens como fotografias e caricaturas, textos de opinião e reportagens sobre assuntos diversos, além da seção de classificados presentes em muitos jornais.

Sobre a imprensa e especialmente os jornais, é fácil observar seu uso já disseminado nas pesquisas nas áreas das Ciências Sociais e das Humanidades, mas também em “diversos níveis de ensino e em diversas áreas, a imprensa transforma-se, de forma crescente, em suporte didático-pedagógico em sala de aula” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 254). O uso de jornais em pesquisas nas aulas de História, como as provenientes do ProfHistória, indica as possibilidades desta fonte na construção do conhecimento de estudantes da Educação Básica. Sua importância na constituição de uma esfera pública e suas diferentes possibilidades de abordagem possibilitam um trabalho pedagógico que pode ampliar a visão dos estudantes sobre assuntos pertinentes a história local.

Juliana Haschmann (2016) em sua pesquisa utilizou jornais para produzir conjuntos didáticos sobre a relação da imprensa com o golpe civil-militar ocorrido no Brasil em 1964. A autora utilizou diferentes seções do jornal na produção dos conjuntos didáticos, tais como pesquisas de opinião, charges, entrevistas e manchetes, e os problematizou através de questões históricas que deveriam ser respondidas pelos estudantes baseadas na análise das fontes selecionados pela professora. Estas questões objetivavam analisar o discurso presente nos jornais sobre o golpe civil-militar ocorrido no Brasil em 1964. Haschmann aborda o uso político do jornal, buscou fomentar o debate, o pensamento autônomo e o olhar dos estudantes sobre as fontes. Em sua análise, os jornais demonstraram ser ótimos meios para incentivar o olhar crítico dos estudantes sobre o discurso jornalísticos.

Já Fabrício Adriano (2018), ao também utilizar os jornais analisa como o trabalho com esta fonte pode contribuir para o aprimoramento do pensamento histórico dos estudantes. A metodologia escolhida pelo autor foi a de sequência didática para o desenvolvimento de narrativas históricas. Entre os jornais utilizados em sala de aula pelo professor estão *O Catharinense*, primeiro jornal de Santa Catarina, e o *Diário Catarinense*, jornal de circulação

atual. O professor não utilizou um único eixo temático em sua pesquisa com os estudantes, mas temas diversos como a Revolução Francesa e o Governo Vargas, fez uso dessa pluralidade de conteúdos para propor diferentes experiências que geraram significados na compreensão do pensamento histórico daquele grupo de estudantes. O autor propôs aos estudantes a produção de narrativas históricas dentro de recortes históricos diferentes e entendeu que o uso de fontes impressas facilita o trabalho interdisciplinar, além de permitir a ampliação do tempo narrado.

Os diferentes materiais produzidos pela imprensa e, especialmente aqui os jornais, não são produzidos para que historiadores façam pesquisa, mas transformá-lo em fonte é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador ou pelo professor e que supõe seu tratamento metodológico e teórico.

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 258)

Kátia Abud ao refletir sobre o uso de jornais nas aulas de História reforça a ideia de que cabe ao historiador converter o jornal em fonte, assim como os professores que podem “utilizar os jornais no ensino, principalmente nas aulas de História, estimulando o aluno a produzir conhecimentos com base em diferentes atividades ou formas de interação” (ABUD, 2010, p. 27).

A autora salienta que a associação entre texto e imagem, especialmente as fotografias devem ser consideradas, pois pode fornecer informações ou quando a publicação estiver distanciada historicamente aponta indícios sobre mudanças e permanências. (ABUD, 2010). Indicando o uso de eixos temáticos para que se permita a relação entre diferentes processos envolvidos nas mudanças históricas, Abud aponta que o uso de jornais através da mediação do professor pode contribuir para que estudantes possam ter uma formação mais crítica, ou seja, um dos principais objetivos da disciplina de História. Ainda segundo a autora, o jornal ao trazer diferentes pontos de vista sobre um determinado acontecimento auxiliaria na manutenção da democracia. Trazer os jornais para sala de aula com temas próximos ao cotidiano dos estudantes buscou, através da problematização, construir um debate democrático com a contribuição coletiva dos estudantes com suas diferentes experiências e seus diferentes olhares sobre o tema estudado.

Assim como qualquer outra fonte é necessário levar em consideração o contexto em que os jornais foram produzidos e ao mesmo tempo “em que sua análise detalhada nos ajuda a compreender melhor estes contextos, revelando novos detalhes e ligações” (ABUD, 2010, p. 29). É necessário perceber o jornal como um testemunho histórico, ou ainda como afirma Silva e Franco (2010), muito mais como ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos. Seja testemunho ou parte do contexto, o jornal deve ser percebido com suas subjetividades, como tudo que é produzido pelo homem, compreender sua importância social, entender como uma visão de mundo, da interpretação da realidade de quem o produziu, sendo, portanto, resultado de valores e interesses diversos. (ABUD, 2010).

O trabalho jornalístico, meio mais popular e acessível ao que se passa na sociedade e no restante do mundo, convertido em fonte deve necessariamente ser situado em seu tempo e espaço para que se possa compreender as suas relações com os fenômenos sociais.

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos. A própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal da imprensa sindical são elas mesmas, produto da experimentação e da criação social e histórica (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 259)

Transformar um jornal em fonte é uma escolha, uma seleção feita pelo historiador ou pelo professor e que necessita de tratamento teórico e metodológico no decorrer da pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final. Os jornais possuem uma linguagem “constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridade própria, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social” (CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 260) que esta relação pretende.

Assim, propor atividades de pesquisa com jornais implica em observação de diferentes procedimentos, para assim compor um caminho consistente de análise da pesquisa. Procedimentos tais como a identificação do periódico, como observar o título e subtítulo, a periodicidade, ainda outros procedimentos como projeto editorial, a produção e distribuição compõem este trajeto. É este o caminho que será traçado no próximo capítulo, contextualizar e apresentar o jornal *O Moleque*, além de mostrar como as sequências didáticas foram construídas a partir deste periódico.

3. O MOLEQUE: UM JORNAL DE DESTERRO

3.1 JORNAL *O MOLEQUE* E A DESTERRO DO FINAL DO SÉCULO XIX

O Moleque foi um semanário publicado quatro vezes ao mês que circulou em Desterro entre os anos de 1884 e 1885, foi fundado por Othon D’Eça e em pouco tempo passou para as mãos de Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. A redação do jornal era situada na Rua da Constituição nº 72, vulgo Rua da Cadeia, próximo à área central da cidade e a assinatura mensal era de 1\$000, valor cobrado adiantado dos leitores. Na bibliografia consultada sobre o jornal, bem como no próprio periódico não há indicativo de quantos eram, nem quem seriam esses leitores. De estilo irreverente e provocador, se autodenominava como um “órgão crítico, humorístico, noticioso e de leituras variadas” (PEDRO, 1995, p. 94). Seus 38 exemplares estão digitalizados e disponíveis no site da Hemeroteca Digital Catarinense, com acesso livre ao público.

O Moleque circulou em Desterro no final do século XIX, este foi um período de grandes debates políticos, especialmente no que se refere a campanha abolicionista e republicana. Aliás, nestes períodos de disputas políticas, foram comuns que nas pequenas cidades, como Desterro, surgissem muitos jornais. Segundo Joana Maria Pedro (1995), durante o crescimento econômico na segunda metade do século XIX, surge uma esfera pública burguesa que utilizou a imprensa como espaço para debate e divulgação de ideias

Figura 1 - Capa e quarta página do Jornal *O Moleque*



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 09/08/1885 (edição n. 34). Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885034.pdf>. Acesso em 09/09/2020

O início da povoação de Desterro ocorreu durante o século XVII, desempenhando um papel importante na colonização da região. Sua posição estratégica para os domínios de Portugal fez com que fosse ocupada militarmente com a construção de fortalezas para a proteção de futuros ataques feitos pelos espanhóis, já no século XVIII. Mas, foi durante o século XIX que Desterro foi elevado à categoria de cidade e tornou-se capital da Província de Santa Catarina (1823). Segundo o Censo de 1872, a população de Desterro era de 22.760 habitantes, já a Província de Santa Catarina possuía um total de 159. 802 (IBGE, 1872).

Desterro, ainda na década de 1850 foi incluída no circuito agroexportador brasileiro, com destaque para seu porto, “que exportava não apenas o que era produzido no interior da ilha, mas, principalmente, reexportava os produtos de várias regiões da província” (MATOS, 2008, p. 40), isto enriqueceu os proprietários de terra mais abastados e os comerciantes de Desterro que exportavam alimentos. É nesta época em “que começam as ser edificadas na cidade os sobrados, signos da elite ascendente. Ao mesmo tempo que foi um período de prosperidade, os jornais da cidade comentavam que gêneros de primeira necessidade subiam a um ‘preço espantoso’” (OLIVEIRA, 2001, p. 222).

Enquanto centro político, administrativo e comercial, fornecedor de bens e serviços, durante a primeira metade do século, Desterro conquistou benfeitorias com o intuito de fornecer diferentes demandas na condição de capital de província. A “administração tornou-se mais complexa, a criação da Assembleia Provincial, em 1834, dotou-a de certa autonomia quanto ao orçamento e legislação; diversas melhorias foram introduzidas na precária infraestrutura urbana” (SIEBERT, 2001, p. 232).

Na Desterro do final do século XIX, os jornais foram locais de debate, críticas e denúncias para os problemas sociais e urbanos. Através desta fonte podemos compreender como se deu a divulgação de um discurso voltado para estas transformações da capital catarinense. Juntamente com o crescimento comercial surge a preocupação de combater antigos costumes, mudando o cotidiano da cidade e a imprensa foi o espaço de críticas e de proposição de condutas mais adequadas à civilização (OLIVEIRA, 2001). Itamar Siebert aponta para a importância da imprensa neste objetivo, segundo o historiador

O discurso civilizador da imprensa trabalhava, e ainda trabalha, com categorias universais Sua proposta era ensinar, persuadir, incutir e introjetar um complexo de ideias e sentimentos válido para todos os grupos e classes sociais (SIEBERT, 2001, p. 256)

Segundo o historiador Hermetes Reis de Araújo, a segunda metade do século XIX é marcado por uma constituição de um setor privado e burguês. Esta nova classe social passou a diferenciar-se cada vez mais da população pobre do meio urbano, assim como aquelas das áreas rurais da ilha (ARAÚJO, 1989).

Já o cenário público cultural era formado por uma biblioteca pública e pela imprensa surgida em 1831 com o jornal *O Catarinense* fundado por “iniciativa do lagunense Capitão de Engenheiros Jerônimo Coelho” (PEDRO, 1995, p. 16). Alguns dos jornais que circularam em Desterro se sustentaram por um longo tempo, como o caso do *Jornal do Comércio* (1880-1894) e *A Regeneração* (1868-1889), porém muitos tiveram vida efêmera. Estes surgiram em períodos de acirradas disputas no campo político, como ocorreu durante a campanha abolicionista.

Nas páginas do jornal *O Moleque*, que possuía as dimensões de 37,5 x 26 cm, eram publicados textos noticiosos e de opinião, além de ser ricamente ilustrado com charges e caricaturas presentes na capa e na última página das edições. Neste jornal eram frequentes as publicações de poesias de Cruz e Sousa e de Virgílio Várzea, críticas ao governo da província, os problemas da cidade, além de falas sobre o Parlamento e críticas à escravidão. Nesse sentido, antes de realizar a análise do jornal, cabe falar um pouco sobre esses dois personagens.

Inicialmente, cabe destacar alguns aspectos sobre o poeta Cruz e Sousa que foi o responsável pela publicação do jornal a partir de 17 de maio de 1885, conforme a edição nº22 publicada nesta mesma data. Nascido na capital catarinense em 24 de novembro de 1861, era filho de Guilherme de Sousa e Carolina Eva da Conceição. Seu pai era pedreiro e escravizado, já sua mãe, lavadeira e liberta. O sobrenome Sousa pertencia ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa, “de quem seu pai fora escravo e por ele alforriado em 1864, antes de partir para Guerra do Paraguai” (ESPÍNDOLA, 2013, p. 225). Com mãe liberta, João da Cruz e Sousa nasceu livre, morava no bairro da Praia de Fora junto aos pais e ao irmão caçula, Norberto de Sousa.

Cruz e Sousa, a maior expressão do movimento Simbolista, iniciou seus estudos em 1869, foi matriculado no Colégio da Conceição em 1872, instituição localizada próxima a atual Praça Getúlio Vargas. Mais tarde ingressou no Ateneu Provincial, escola preparatória para os que desejassem continuar seus estudos na capital do Império. O acesso ao Ateneu foi feito através de um requerimento feito por seu pai à instituição que “admitia à custa dos cofres provinciais, quatro menores como pensionistas, seis como meio-pensionistas e dez como externos, desde que lhe fosse reconhecida a inteligência e viessem de família honesta” (ESPÍNDOLA, 2013, p. 226). Frequentou as aulas com dedicação e assiduidade, deixando de

frequentar as aulas em 1877. Não há, segundo Elisabete Espíndola (2013), alguma documentação que confirme a conclusão dos estudos de Cruz e Sousa e de seu irmão Norberto.

Cruz e Sousa participou de atividades teatrais em sociedades dramáticas amadoras onde declamava seus poemas e por isto viajou por todo Brasil. Quando retornou a Desterro, o jornal *O Moleque* noticiou a chegada de seu futuro redator “acha-se entre nós, após uma longa excursão por todo o Brasil, o valente e rutilante poeta Cruz e Sousa” (*O Moleque*, 26/03/1885). O poeta assume a redação do jornal em 17 de maio de 1885, mesmo ano em que publica *Tropos e Fantasias*, mas antes já havia trabalhado em jornais como *O Colombo* e *Folha Popular*.

O poeta parte para o Rio de Janeiro em junho de 1888, assim como outros colegas e integrantes do Ideia Nova, grupo de jovens que aderiram às novidades literárias trazidas da Europa. Este período foi marcante em sua produção literária, mas também foi uma fase difícil de sua vida. “Mesmo que recebido de forma positiva por algumas pessoas da imprensa (...), isso não foi suficiente a Cruz e Sousa para garantir um espaço nos jornais cariocas” (ESPÍNDOLA, 2013, p. 240). Retornou a Desterro por pouco tempo, voltando ao Rio de Janeiro, colaborou com alguns jornais e casou-se com Gavita Gonçalves. Para sobreviver trabalhou como praticante de arquivista na Central do Brasil. No ano de 1893 publicou *Missal e Broquéis*, as obras foram expostas no principal reduto de intelectuais carioca, a Livraria Moderna.

Assim como muitos outros homens e mulheres livres descendentes de africanos, Cruz e Sousa viveu as dificuldades de inserção social naquela sociedade do final do século XIX, marcada pela escravidão e pelo racismo. O poeta simbolista faleceu em 19 de março de 1898 vítima de tuberculose em Minas Gerais, seu corpo foi levado ao Rio de Janeiro em um trem junto com animais, foi enterrado no Cemitério São Francisco Xavier (RJ) e somente em 2007 seus restos mortais foram trasladados para Florianópolis. Postumamente foram publicados *Evocações* (1898), *Faróis* (1900), e *Últimos Sonetos* (1905). Hoje, Cruz e Sousa é reconhecido por sua obra, lembrado como sinônimo de cultura em Florianópolis e fora dela. Como afirmou Oswaldo Rodrigues Cabral, “depois de morto, cuidaram de glorificá-lo” (CABRAL, 1979, p. 143).

Cruz e Sousa não se enquadrava neste meio por conta de sua cor, era filho de pais escravizados e utilizou o jornal como um meio para denunciar as ocasiões em que foi excluído por conta do racismo. Sua voz era de denúncia de alguém que também, como demais colaboradores de jornais, percebia os problemas da cidade e do país, mas que vivia na sua realidade a crueldade de um país marcado pelo trabalho escravo e pelo racismo. Segundo

Elisabete Espíndola, “embora possuísse mérito para ocupar o cargo de redator, naquela sociedade oitocentista e escravocrata a questão da cor tornou-se o principal fator que impedia Cruz de ascender socialmente” (ESPÍNDOLA, 2006, p. 80).

Oswaldo Rodrigues Cabral sobre o poeta dizia: “sofreu como poucos e talvez foi isto o que lhe engrandeceu o estro. Sofreu por ser negro, por ser incompreendido, por ser desprezado; sofreu por ser pobre; e sofreu por se ver acometido de uma enfermidade que, ao tempo, não perdoava” (CABRAL, 1979, p. 142). O jornal *O Moleque* foi um dos espaços que o poeta utilizou para denunciar os horrores da escravidão, do racismo e para engrossar o debate da campanha abolicionista.

Apesar de Cruz e Sousa assumir a direção do jornal *O Moleque* sozinho, o poeta Virgílio Várzea foi importante colaborador do periódico. Várzea nasceu em Desterro em 1863, filho de um português capitão da marinha mercante, correu o mundo em embarcações daí que os temas relacionados ao mar caracterizam suas obras. Junto com Cruz e Sousa, o qual conhecia desde a adolescência, e mais outros jovens formaram o grupo Ideia Nova, onde “ideias de modernidade, progresso, materialismo e ciência os empolgavam; eram abolicionistas e favoráveis à república” (MENDES; AMARAL, 2014, p. 236). Aderindo às novidades literárias europeias liam e debatiam autores como Eça de Queirós, Comte e Baudelaire. Juntos publicaram em 1885, um pequeno livro de poesias, *Tropos e Fantasias*. O poeta também escreveu em outros periódicos, tais como a *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio*, *A Regeneração* e *O Mercantil*. Alguns destes jornais eram da capital do Império, o Rio de Janeiro, onde Várzea enfrentou menos resistência que Cruz e Sousa “e teve acesso mais fácil aos jornais, aos homens de letras e aos editores” (MENDES; AMARAL, 2014, p. 235).

No jornal *O Moleque*, quando não assinava seu nome, o poeta Cruz e Sousa utilizava pseudônimos como Zé K, Zat, Zot, Trac e Coriano Scevola. Virgílio Várzea também utilizou este recurso assinando textos e notas neste e em outros jornais que trabalhou com pseudônimos como Reis, Viriato Reis, Alfredo Delórm e Victor Vidigal. Segundo Elisabete Espíndola, o uso de pseudônimos foi estratégia utilizada por ambos poetas (ESPÍNDOLA, 2006).

O surgimento do jornal *O Moleque* ocorreu dentro deste contexto da campanha pela abolição dos escravos e pela proclamação da República, juntamente com a fundação de clubes abolicionistas em Desterro. “Estes apareceram, principalmente, nos anos de 1884 e 1885, época de eleições e de mudanças de ministério na Corte” (PEDRO, 1995, p. 77). O jornal, era o veículo cultural que a reduzida parcela da população de Desterro que era alfabetizada lia. E é possível

que nas camadas mais populares, as conversas e redes informais de comunicação, fossem mais eficientes que os jornais. “Porém, provavelmente as notícias, os folhetins, os provérbios, as quadrinhas, presentes nos jornais, também circulavam para além dos meros assinantes e dos leitores dos jornais, através de redes informais de comunicação” (PEDRO, 1995, p. 71).

Seja através das redes informais de comunicação ou da própria leitura dos jornais locais, a ideia de uma Desterro mais moderna, mais civilizada estava posta. Uma cidade que buscava as transformações no meio urbano e social e que utilizou a imprensa para expor um novo olhar sobre o que estava por vir no novo século que se aproximava. No tópico a seguir, apresento alguns dos temas presentes n’*O Moleque* considerando especialmente a pesquisa dos temas priorizados nas sequências didáticas.

3.2 OS DIFERENTES DEBATES DO JORNAL *O MOLEQUE*

O jornal *O Moleque*, bem como outros também publicados em Desterro, criticavam os problemas urbanos e problemas de ordem social, como o caso da escravidão, questionando como tais características seriam aceitáveis em uma sociedade que visava o progresso. Observando outras reportagens do jornal percebemos diferentes temas sendo discutidos, tais como: homenagens à pessoas ilustres como ao artista Manoel das Oliveiras Margarida em ocasião da entrega feita por este aos seus melhores estudantes de desenho (*O Moleque*, 02/08/1885), reunião acerca da Estrada D. Pedro I ocorrida no Teatro Princesa Isabel (*O Moleque*, 9/08/1885), uma briga ocorrida entre prisioneiros na cadeia enquanto o guarda responsável dormia (*O Moleque*, 22/01/1885). Também falava de seus moradores como Florentina, “mulher de pulso forte e ventas arrebitadas” que colocou o marido na rua todo machucado na noite de núpcias (*O Moleque*, 09/08/1885) ou da ocasião do falecimento do distinto médico do exército dr. Pollycarpo de Barros, desejando aos seus familiares os mais respeitosos pêsames (*O Moleque*, 16/04/1885). Os temas das notícias e dos artigos são diversificados, aqui serão abordadas somente as temáticas presentes no jornal que deram origem as sequências didáticas.

A falta de iluminação pública em Desterro foi uma temática abordada pelo jornal *O Moleque* na edição publicada em 16/04/1885. A crítica a falta de iluminação ganhou a capa da edição do jornal, junto a ilustração a legenda dizia “A iluminação vai de mal a pior. Quando há luar e este se acha apagado pela escuridão de uma noite tempestuosa, não se ascende na nossa cidade um só lampião que seja!” (*O Moleque* n.17, 16/04/1885).

Figura 2 - Capa do Jornal *O Moleque* (falta de iluminação pública)



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 16/04/1885 (edição n. 17). Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885017.pdf> Acesso em 09/09/2020.

O problema com a iluminação pública na capital catarinense também foi tema no jornal *O Clarão*⁵ já no ano de 1911 em um artigo intitulado “Progresso”:

Florianópolis, a capital dos heróis dormia pacata, erma e esquecida. (...) Morria lentamente o viajante que aqui aportava: só tinha para apreciar os encantos da natureza. Mas tudo isso desaparecia quando o sol (...) dava lugar a tétrica noite que amortalhava tudo! Então o viajante a comparava com um grande cemitério Florianópolis sonhava com o progresso. (...) Caminhamos! Caminhamos sempre! O século das luzes é nosso século! Sigamos! (*O Clarão*. Florianópolis, 20/08/1911)

⁵ O jornal *O Clarão* circulou em Florianópolis durante os anos 1911 e 1918 e denominava-se um “órgão de combate legalmente constituído”

A autora Susana Cesco afirma que na segunda metade do século XIX a questão da iluminação pública foi largamente debatida pela imprensa, especialmente sobre a necessidade de melhorar a circulação de pessoas e mercadorias “e possíveis contatos e conversas entre elas, não necessitando para isso esperar pelas noites de lua cheia” (CESCO, 2011, p. 155-156). Neste período medidas também foram tomadas com o intuito de melhorar alguns locais da cidade como a praça central (atual Praça XV de Novembro) e ruas adjacentes.

Outro problema citado pelo jornal *O Moleque* é a questão sobre o saneamento básico em Desterro. Em 16/04/1885 a última página do jornal trazia críticas em forma de ilustrações aos problemas da cidade, em especial aos dejetos despejados na Praia do Menino Deus com a legenda: “por exemplo: mandar limpar a Praia do Menino Deus, que é o lugar onde se faz todas as limpezas” (*O Moleque*, 16/04/1885).

Figura 3 – Descarte de lixo na Praia do Menino Deus



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 16/04/1885 (edição n. 17). Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885017.pdf> Acesso em 09/09/2020.

Em julho do mesmo ano, o jornal retorna ao debate sobre o lixo espalhado na Praia do Menino Deus fazendo novamente uso de ilustração na quarta página seguida de legenda: “Consta-nos que os moradores da Praia do Menino Deus vão içar ali um pavilhão digno de se ler.”, a imagem traz uma faixa esticada com a seguinte frase: “Depósito da estercaria arrecadada pela nossa municipalidade” (*O Moleque*, 19/07/1885). Na mesma edição o artigo intitulado “Praia do Menino Deus” dizia:

(..) este assunto de praia (...) lembra imundice, enxurro, podridão (...) precisamos falar da praia e sempre da praia. Pois esta praia, esta tão simpática e conhecida, que vê desfilar na sua frente todos os carnavais, todas as procissões (...) todas as manifestações políticas, esta praia, dizemos, não tem sequer as honras de limpeza, é uma praia suja. (*O Moleque*. Desterro, 19/07/1885).

Figura 4 – Lixo na Praia do Menino Deus



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 19/07/1885 (edição n. 31). Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885031.pdf>. Acesso em 09/09/2020.

As ideias de salubridade estão ligadas a uma corrente higienista, um segmento da medicina europeia, “que prestou especial atenção ao meio natural e sua possível relação com os problemas patológicos” (CESCO, 2011, p. 143). No Brasil, estas ideias começaram a serem divulgadas a partir da capital do Império, chegando assim à Desterro e que conforme Hermetes de Araújo os jornais foram o espaço onde discorria-se sobre “situações e hábitos considerados carentes de urbanidade nos jardins, nos bondes, no teatro, nas ruas (...) eram os novos modos de questionar o saneamento geral da cidade e as formas de promover a sua manutenção” (ARAÚJO, 1989, p. 16-17)

Segundo Cesco, os dejetos e fezes eram acumulados em barris e quando cheios eram recolhidos por escravos que os transportavam e despejavam no mar ou em rios da cidade. A imagem trazida pelo jornal com pessoas negras esvaziando recipientes no mar demonstra esta prática. O problema dos dejetos urbanos estendeu-se por todo o século XIX. Somente no início

do século seguinte, já sob um governo republicano, “é dada a concessão para implantação de uma rede de esgotos na capital de Santa Catarina” (CESCO, 2011, p. 145).

Nos últimos anos do século XIX e que antecederiam o final da Monarquia, foram em Desterro de declínio do comércio portuário. Já por outro lado, os jornais locais mantiveram as publicações que divulgavam comportamentos que buscavam a civilidade tão almejada por uma cidade que se pretendia moderna.

Outro tema abordado pelo jornal foram as epidemias. Uma publicação sobre esse tema ganhou a capa da edição do dia 06/03/1885, na ilustração ao centro vemos o inspetor de saúde e ao fundo alguns esqueletos com foices onde podemos ler “amarela” e “tifo”, abaixo da imagem, a legenda dizia “O novo inspetor de saúde do Porto passa revistas às suas pupilas, prometendo-lhes a sua proteção” (*O Moleque*, 06/03/1885).

Já a edição do dia 16/08/1885 traz a figura de um esqueleto, que normalmente nos remete à morte, caminhando na Praia Menino Deus em meio ao lixo carregando uma foice e nela se lê “tifoide”. Abaixo da imagem, a legenda “ao passarmos, porém, pela praia do Menino Deus, encontramos a D. Tifoide a passeio” (*O Moleque*, 16/08/1885).

Figura 5 – Capa do Jornal *O Moleque* (inspetor de saúde)



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 06/03/1885 (edição n. 26). Disponível em <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885026.pdf> Acesso em 09/09/2020

Figura 6 – Figura da morte caminhando na Praia do Menino Deus



Fonte: Jornal *O Moleque*. Desterro, 16/08/1885 (edição n. 35). Disponível em <http://hemeroteca.ciacsc.sc.gov.br/jornais/omoleque/OMOL1885035.pdf> Acesso em 09/09/1885

Em Desterro, as praias eram locais exclusivos de despejos, porém haviam regras, “uma vez que a praia até então não havia sido associada à saúde, era sim um ponto limiar entre a terra e o mar, uma fronteira entre o habitável e o desconhecido, pendendo mais para este” (CESCO, 2011, p. 147). Porém, em 1864, o Primeiro Cirurgião da Armada, João Ribeiro de Almeida, associou diretamente questões de saúde com saneamento e higiene e é na segunda metade do século XIX que as novas teorias sobre contaminação e doenças começam a se consolidar. “Desterro foi profícua em críticas sobre o saneamento básico e os problemas de um processo de urbanização sem controle ou sem preocupação com a natureza” (CESCO, 2011, p. 148).

Questão de grande destaque do jornal *O Moleque* foi a escravidão e os debates sobre a abolição. Como já mencionado, Cruz e Sousa era filho de pais que haviam sido escravizados, por conta de sua cor passou por toda discriminação que uma sociedade escravocrata pode cruelmente violentar uma pessoa. E não por acaso seus textos que denunciavam a escravidão, que denunciavam os acontecimentos vividos pelo editor por conta de sua pele eram marcadamente inflamados e cheios de paixão.

Em 10 de maio de 1885 o jornal *O Moleque* publicava o artigo “Zig-Zags políticos” trazendo uma crítica ao contexto que o Brasil vivia, o de um país atrasado, especialmente pela manutenção da escravidão.

Em 1885, na hora bastante adiantada em que vai a civilização, a literatura, as artes, a indústria, a agricultura e progresso material e intelectual do quase todo o mundo, o Brasil, uma nação ainda infantil comparada as velhas nações da Europa, mas já muitíssimo conceituada(...) entre todas as outras possui mais de um milhão de escravos e continua a ser (...)o pedaço enorme da América do Sul ensombrado pela asa imensa do corvo da escravidão (*O Moleque*, 10/05/1885).

A escravidão foi tema recorrente nas páginas deste jornal, assim como a causa abolicionista e seus clubes. Cruz e Sousa além de apoiar a causa, estava sempre atento ao trabalho dos clubes abolicionistas de Desterro e não poupava críticas quando não havia resultado naquilo que era sua função, libertar os escravizados. Assim foi na edição do dia 5 de julho de 1885:

Não se fala mais no Club Abolicionista. Aqui nestas terras as ideias não chegam a tomar as proporções de borboleta, ficam na lagarta. Há uma sombra enorme de indiferentismo que oprime e entenebrece tudo (...) A iniciativa para o progresso é um problema insolúvel. Quem evolui e quem progride, é sempre um tolo, um pedante, um empolado (...) Falar-se em Abolicionismo aqui é um caso tão estupendo como os fenômenos patológicos a cujos estudos esta terra precisa prestar-se (...). Não palpita a paixão religiosa pelos assumptos de progresso. (...) (*O Moleque*. Desterro, 05/07/1885)

Em outra ocasião o jornal comemorava a abolição ocorrida no estado do Ceará e defendia com firmeza o direito à liberdade de todo ser humano, desejando, enfim, a abolição em todo o país:

O Ceará que foi o berço da literatura (...) quis também ser a cabeça libertadora da raça escrava deste país: (...) conseguiu este aleluia supremo: Não há mais escravo no Ceará. (...) A abolição, a grande obra do progresso é uma torrente que se despenca; não há mais lha por embaraços a sua carreira vertiginosa. Liberdade, igualdade e fraternidade, essa trilogia enorme, pregada pelo Velho Hugo. (...) Já é tempo cidadãos. (...) (*O Moleque*, 12/10/1885)

Buscando dar visibilidade para as injustiças cometidas pela sociedade, Cruz e Sousa destacou a importância do escravo na economia do Brasil, “sustentáculo de uma gigantesca estrutura de poder, colocando a responsabilidade do atraso social na inércia causada pela

escravidão e ressaltando a responsabilidade dos dirigentes políticos” (ESPÍNDOLA, 2013, p. 238).

As denúncias da crueldade da escravidão, a luta pela abolição no Brasil, os problemas urbanos que a população desterrense convivia foram alguns dos temas publicados no jornal *O Moleque*, que se demonstrou crítico seja através de artigos ou de ilustrações e foram estas fontes a base para a construção das sequências didáticas que proponho nesta pesquisa.

3.3 PLANEJANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS A PARTIR D’O MOLEQUE

Conforme apresentado no item anterior, diversos foram os temas debatidos pelo jornal *O Moleque* ao longo de sua curta trajetória e foram estas páginas o ponto de partida desta pesquisa. A etapa inicial do processo de elaboração das sequências didáticas foi a pesquisa pelos temas relativos ao Processo de Modernização de Desterro e após essa etapa, foi feita a seleção dos temas dentro da temática escolhida nas páginas do jornal e seu respectivo fichamento. Superada estas etapas iniciais, foi iniciada a organização das sequências didáticas através da elaboração dos respectivos planos de aula.

A pesquisadora Helenice Rocha, ao abordar o planejamento para as aulas de História, propõe que “a escrita da aula seja considerada desde o momento do planejamento” (ROCHA, 2015, p. 90). Para a autora, a escrita efetiva do planejamento deve ser pensada como uma condição na interação da aula, seja ela baseada no projeto político pedagógico ou pelo programa presentes nos livros didáticos. Cabe, portanto, ao professor distribuir os conteúdos, pensar nas práticas de ensino e aprendizagem que envolvem a avaliação (ROCHA, 2015).

O planejamento das sequências didáticas iniciou com a escolha do tema do Processo de Modernização utilizando como recorte espacial a cidade de Desterro, no período final do século XIX. Inicialmente pensei em tópicos dentro do tema geral e assim pude selecionar as fontes nos jornais. Planejei que cada para cada tópico os estudantes iriam fazer a leitura coletiva das fontes relacionadas a cada temática e após responderiam a questões com base nas fontes estudadas. Meu objetivo foi observar todo o processo de estudo do conteúdo, do uso que os estudantes fizeram do jornal nas atividades e da participação durante as aulas.

As sequências didáticas propostas e realizadas neste trabalho foram baseadas no modelo proposto por Antoni Zabala (1998). De acordo com o autor, sequências didáticas são

um conjunto de atividades ordenadas e articuladas que possuem um objetivo educacional próprio que é o de “introduzir nas diferentes formas de intervenção aquelas atividades que possibilitem uma melhora de nossa atuação nas aulas, como resultado de um conhecimento mais profundo das variáveis que intervêm do papel que cada uma delas tem no processo de aprendizagem (...)” (ZABALA 1998, p.54). Neste sentido, o uso de fontes como os jornais em uma sequência didática, além de problematizadas e contextualizadas, devem ser trabalhadas de forma articulada entre eles, através de temáticas relacionadas entre si, para que se possibilite uma aprendizagem processual e contínua dos estudantes.

Cabe dizer que antes da realização de todas as sequências didática foi necessário fazer uma apresentação aos estudantes das duas turmas sobre a pesquisa, além de esclarecer sobre todo o processo do Comitê de Ética exigido pela instituição.

A apresentação dos planejamentos das sequências didáticas busca demonstrar como foram pensadas as aulas, seus temas, conteúdos e avaliações.

A temática escolhida para a primeira sequência didática foi o **Jornal *O Moleque e Desterro no século XIX***, nesta o objetivo principal foi conhecer o jornal *O Moleque* e seu contexto de criação (Desterro, final do século XIX) compreendendo o papel desempenhado neste espaço. Nesta sequência foram três os objetivos específicos: identificar as temáticas apresentadas pelo jornal *O Moleque*; compreender quais foram as questões pertinentes ao período final do século XIX em Desterro; debater a importância do jornal como espaço de divulgação de ideias e problemas.

Para abordar essa questão foram selecionados duas fontes⁶ distintas, a primeira é o texto “*O Moleque, um jornal de Desterro*”, texto que escrevi para apresentar brevemente o jornal e seu contexto (**Anexo A**), a outra fonte refere-se aos exemplares do jornal *O Moleque* que foram distribuídos aos estudantes. São seis exemplares do jornal que foram publicados em: 16/04, 26/04, 20/04, 05/07, 19/07 e 16/08/1885, foram feitas duas cópias de cada totalizando doze exemplares. A escolha destas edições que foram utilizadas na primeira sequência didática ocorreu para que houvesse uma aproximação das temáticas que seriam abordadas nas sequências posteriores, as fontes selecionadas são oriundas destas edições.

⁶ Para facilitar a leitura dos jornais na produção das sequências didáticas, a redação das fontes foi atualizada.

Para o desenvolvimento da primeira sequência didática optou-se pela utilização de seis aulas que tiveram as seguintes etapas: aula expositiva centrada na apresentação de características da cidade e do jornal *O Moleque*; estudar/conhecer o jornal através da observação das temáticas nele publicadas; apresentação para a turma das temáticas identificadas pelos estudantes para o devido registro na lousa e no caderno dos estudantes; atividade individual avaliativa.

Para dar suporte à aula expositiva sobre o contexto histórico estudado foi construído na lousa um mapa mental utilizando pontos importantes como dados sobre a população de Desterro e sua economia para compreender a cidade onde estava inserido o jornal *O Moleque*. Posteriormente, foi distribuído para os estudantes o texto “*O Moleque*, um jornal de Desterro” (Anexo A), esta fonte foi produzida com o objetivo de introduzir o tema da sequência didática aos estudantes dando um maior suporte à aula expositiva, nele utilizei uma imagem da capa do jornal para apresentar melhor a fonte.

Na aula utilizada para o estudo do jornal foi distribuído um exemplar por dupla e os estudantes foram orientados a analisar a fonte e anotar os temas identificados para depois serem socializados com a turma. Foi organizada uma tabela dividida pelas edições do jornal na lousa com os temas identificados pelos estudantes que a registraram no caderno da disciplina.

Na última etapa os estudantes responderam as seguintes questões: Qual o papel do jornal como veículo de informação no final século XIX?; Quais são as temáticas apresentadas pelos exemplares do jornal *O Moleque*?; Como este veículo de informações apresentou os problemas vivenciados na cidade para a sociedade do período? Para subsidiar as respostas os estudantes poderão consultar o caderno da disciplina onde estão registrados o mapa mental sobre contexto histórico de Desterro no final do século XIX e a tabela construída coletivamente com os temas identificados nas seis edições do jornal distribuídas, além do texto “*O Moleque*, um jornal de Desterro” que será entregue a cada um dos estudantes.

Como critério avaliativo foram observados se os estudantes perceberam o jornal como meio de divulgação de ideias e se houve a identificação das temáticas presentes nas fontes analisados. Importante frisar que avaliei todo o processo da sequência didática, não somente às respostas dadas pelos estudantes as questões propostas.

Quadro 1 - Plano 1

<p>Tema: O jornal <i>O Moleque</i> e Desterro no século XIX</p>
<p>Objetivo Geral:</p> <p>Conhecer o jornal <i>O Moleque</i> e seu contexto de criação (Desterro, final do século XIX) compreendendo o papel desempenhado neste espaço.</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar as temáticas apresentadas pelo jornal <i>O Moleque</i>. 2. Compreender quais foram as questões pertinentes ao período final do século XIX em Desterro. 3. Debater a importância do jornal como espaço de divulgação de ideias e problemas.
<p>Metodologia:</p> <p>1º Momento: Aula expositiva centrada na apresentação de características da cidade e do jornal <i>O Moleque</i>.</p> <p>2º Momento: Estudar/Conhecer o jornal. Em pequenos grupos os estudantes deverão observar o exemplar do jornal e identificar as temáticas publicadas.</p> <p>3º Momento: Os alunos deverão escrever as temáticas identificadas no jornal em um painel.</p> <p>4º Momento: Apresentação do projeto que utilizará o jornal <i>O Moleque</i> como fonte histórica através de sequências didáticas.</p> <p>5º Momento: Leitura do texto “<i>O Moleque: um jornal de Desterro</i>”.</p> <p>6º Momento: Avaliação.</p>
<p>Fontes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Texto “<i>O Moleque: um jornal de Desterro</i>”. 2. Cópias de exemplares do jornal <i>O Moleque</i>.
<p>Avaliação:</p> <p>Solicitar aos estudantes que produzam um texto considerando o texto “<i>O Moleque: um jornal de Desterro</i>”, os exemplares previamente entregues e as seguintes questões norteadoras:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o papel do jornal como veículo de informação no final século XIX? 2. Quais são as temáticas apresentadas pelos exemplares do jornal <i>O Moleque</i>? 3. Como este veículo de informações apresentou os problemas vivenciados na cidade para a sociedade do período?

O critério para avaliação será observar como (e se) os estudantes percebem o jornal como meio de divulgação de ideias e se há a identificação das temáticas presentes nas fontes analisadas.
--

Tempo estimado: 6 aulas

A segunda sequência didática teve como tema central as **Mudanças no espaço urbano de Desterro: iluminação pública**, seu objetivo principal foi perceber como os jornais de Desterro tratavam o problema da falta de iluminação pública na cidade. Nesta sequência foram dois os objetivos específicos: entender como a falta de iluminação pública afetava a população conforme os jornais apresentados aos estudantes; compreender como a mesma temática é tratada com diferentes abordagens pelos jornais locais.

Nesta sequência foram utilizadas duas fontes, a primeira é a capa do jornal *O Moleque* publicada em 16 de abril de 1885 (**Figura 2**), nela é abordado o tema da falta de iluminação pública trazendo uma ilustração com a legenda “A iluminação vai de mal a pior. Quando há luar e este se acha apagado pela escuridão de uma noite tempestuosa, não se ascende na nossa cidade um só lampião que seja! E tanto que costumamos andar assim nos nossos passeios noturnos” (*O Moleque*, 16/04/1885).

A segunda fonte que foi utilizada nesta sequência didática foi um trecho do artigo intitulado “Progresso” publicado na edição de 20/08/1911 do jornal *O Clarão*. Nele lemos uma crítica ao atraso da cidade, a escuridão que tomava conta de tudo:

Florianópolis, a capital dos heróis dormia pacata, erma e esquecida. (...) Morria lentamente o viajante que aqui aportava: só tinha para apreciar os encantos da natureza. Mas tudo isso desaparecia quando o sol (...) dava lugar a tétrica noite que amortilhava tudo! Então o viajante a comparava com um grande cemitério. Florianópolis sonhava com o progresso. (...) Caminhamos! Caminhamos sempre! O século das luzes é nosso século! Sigamos! (*O Clarão*. Florianópolis, 20/08/1911)

Em ambas fontes os estudantes puderam observar o problema da iluminação em Desterro, que persiste como uma reclamação no século XX quando a cidade já se chama Florianópolis. Selecionei estas fontes buscando trazer jornais de períodos diferentes tratando da mesma problemática, buscando uma maior problematização da temática desta sequência didática.

Para alcançar os objetivos anteriormente citados utilizei como metodologia no período de três aulas as seguintes etapas: leitura das fontes pertinentes à temática; estudar a temática proposta através da análise das fontes temática proposta através da análise das fontes; avaliação.

Os estudantes receberam individualmente uma cópia com as duas fontes selecionadas, após solicitei que voluntariamente alguém fizesse a devida leitura para que se esclarecesse qualquer dúvida tanto do texto quanto da imagem. Posteriormente os estudantes responderam as seguintes questões: descreva a ilustração da capa do jornal o Moleque do dia 16/04/1885 (fonte 1); como o jornal *O Clarão* tratou a falta de iluminação a cidade (fonte 2)? segundo os jornais analisados, como a falta de iluminação pública afetava a população da cidade de Desterro?

Como critério avaliativo foi observado como os estudantes perceberam a crítica feita através de imagem, como relacionaram textos de autores diversos. Nesta sequência avaliei desde o processo de leitura das fontes e ainda, levei em conta a relação com a sequência didática anterior pensando sempre em uma avaliação processual e contínua.

Quadro 2 - Plano 2

Tema: Mudanças no espaço urbano de Desterro: iluminação pública.
Objetivo Geral: Perceber como os jornais de Desterro tratavam o problema da falta de iluminação pública na cidade.
Objetivos específicos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Entender como a falta de iluminação pública afetava a população conforme os jornais apresentados aos estudantes. 2. Compreender como a mesma temática é tratada com diferentes abordagens pelos jornais locais.
Metodologia: <p>1º Momento: Leitura das fontes pertinentes à temática.</p> <p>2º Momento: Estudar a temática proposta através da análise das fontes</p> <p>3º Momento: Avaliação.</p>
Fontes: <ol style="list-style-type: none"> 3. Capa do jornal <i>O Moleque</i> publicada em 16 de abril de 1885 em Desterro. 4. Trecho do artigo “Progresso” publicado no jornal <i>O Clarão</i> de 20 de agosto de 1911 em Desterro.

Avaliação:

Solicitar aos estudantes que através da leitura das fontes 1 e 2, produzam um texto considerando as seguintes questões norteadoras:

1. Descreva a ilustração da capa do jornal *O Moleque* do dia 16/04/1885 (fonte 1).
2. Como o jornal *O Clarão* tratou a falta de iluminação a cidade (fonte 2)?
3. Segundo os jornais analisados, como a falta de iluminação pública afetava a população da cidade de Desterro?

O critério para avaliação será observar como os estudantes percebem a crítica feita através de imagem. Perceber, ainda, como relacionam textos de autores diversos.

Tempo estimado: 3 aulas

A terceira sequência didática foi elaborada a partir do tema **Mudanças no espaço urbano de Desterro: saneamento básico**, seu objetivo principal foi compreender como o jornal *O Moleque* tratou o problema a questão do saneamento básico na cidade estabelecendo discussão com as opiniões do poder público com o tema. Por sua vez, os objetivos específicos foram: compreender de quais maneiras o jornal *O Moleque* criticou a questão do saneamento básico em Desterro; compreender como o poder público observava esta questão através de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina; observar como tais problemas afetavam a população local.

Nesta sequência foram utilizados as seguintes fontes: imagem do jornal *O Moleque* publicada na edição do dia 16/04/1885 (**Figura 3**), onde lemos a seguinte legenda “Por exemplo: mandar limpar a Praia do Menino Deus, que é o lugar onde se faz todas as limpezas”; imagem publicada na edição do dia 19/07/1885 (**Figura 4**), onde se lê na imagem “Depósito da esterquia arrecadada pela nossa municipalidade” e como legenda “Consta-nos que os moradores da Praia do Menino Deus vão içar ali um pavilhão digno de se ler”.

A terceira fonte desta sequência foi o trecho do artigo “Praia do Menino Deus” publicado no mesmo jornal no dia 19/07/1885, onde lemos:

(..) este assunto de praia (...) lembra imundice, enxurro, podridão (...) precisamos falar da praia e sempre da praia. Pois esta praia, esta tão simpática e conhecida, que vê desfilar na sua frente todos os carnavais, todas as procissões (...) todas as manifestações políticas,

esta praia, dizemos, não tem sequer as honras de limpeza, é uma praia suja. (*O Moleque*. Desterro, 19/07/1885)

A quarta fonte desta sequência foi um trecho de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina de 21/07/1886 pelo Dr. Francisco José da Rocha, onde diz:

Bem a nosso contra-gosto cumpre-nos antes de tudo fazer algumas considerações higiênicas sobre esta capital (...).Alguns córregos imundos, e que servem de escoadouro a toda sorte de despejos da população (...) A falta de limpeza permanente, a estagnação de suas minguadas águas, seu fundo lodoso e cheio de embarços, muito contribuem se não são causas bastantes para viciar a atmosfera, tornando-se assim verdadeiros focos de infecção (...) (ALESC, 21/07/1886, p. 246)

Para alcançar os objetivos desta sequência utilizei como metodologia as seguintes tarefas: leitura das fontes pertinentes à temática; estudar a temática proposta através da análise das fontes; avaliação.

Os estudantes receberam uma cópia contendo as fontes selecionadas, novamente foram convidados para que voluntariamente algum estudante fizesse a leitura em voz alta e neste momento pudéssemos retirar qualquer dúvida sobre a mesma. Posteriormente, os estudantes responderam as seguintes questões: descreva a ilustração publicada no jornal *O Moleque* do dia 16/04/1885(fonte 1); descreva a ilustração publicada no jornal *O Moleque* do dia 19/07/1885(fonte 2); segundo a publicação do jornal *O Moleque* do dia 19/07/1885 (fonte 3), quais eram os problemas enfrentados pela população de Desterro?; Conforme a fonte 4, como o poder público compreendia a questão do saneamento básico em Desterro?

Como critério avaliativo desta sequência didática observei se os estudantes perceberam a crítica feita através de imagem. Percebi, ainda, como relacionaram os diferentes discursos sobre a temática do saneamento básico.

Quadro 3 - Plano 3

<p>Tema: Mudanças no espaço urbano de Desterro: saneamento básico</p>
<p>Objetivo Geral:</p> <p>Compreender como o jornal <i>O Moleque</i> tratou o problema a questão do saneamento básico na cidade estabelecendo discussão com as opiniões do poder público com o tema.</p>
<p>Objetivos específicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender de quais maneiras o jornal <i>O Moleque</i> criticou a questão do saneamento básico em Desterro. 2. Compreender como o poder público observava esta questão através de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina. 3. Observar como tais problemas afetavam a população local.
<p>Metodologia:</p> <p>1º Momento: Leitura das fontes pertinentes à temática. 2º Momento: Estudar a temática proposta através da análise das fontes 3º Momento: Avaliação.</p>
<p>Fontes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Imagens do Jornal O Moleque publicadas nas edições dos dias 16/04/1885 e 19/07/1885 2. Trecho do artigo “Praia do Menino Deus” publicado no mesmo jornal no dia 19/07/1885. 3. Trecho da mensagem do Presidente da Província à Assembleia Legislativa de 21/07/1886
<p>Avaliação:</p> <p>Solicitar aos estudantes que através da leitura das fontes 1, 2, 3 e 4 produzam um texto considerando as seguintes questões norteadoras:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descreva a ilustração publicada no jornal o Moleque do dia 16/04/1885(fonte 1). 2. Descreva a ilustração publicada no jornal o Moleque do dia 19/07/1885(fonte 2). 3. Segundo a publicação do jornal O Moleque do dia 19/07/1885 (fonte 3), quais eram os problemas enfrentados pela população de Desterro? 4. Conforme a fonte 4, como o poder público compreendia a questão do saneamento básico em Desterro? <p>O critério para avaliação será observar como os estudantes percebem a crítica feita através de imagem. Perceber, ainda, como relacionam os diferentes discursos sobre a temática do saneamento básico.</p>

Tempo estimado: 3 aulas

A quarta sequência didática teve como tema as **Mudanças no espaço urbano de Desterro: epidemias**, seu objetivo principal foi compreender como a imprensa abordou a saúde pública diante das epidemias do final do século XIX em Desterro. Foram objetivos específicos: compreender, através do jornal *O Moleque*, a preocupação da sociedade com as epidemias em Desterro no final do século XIX; perceber a relação feita entre as intervenções no espaço urbano e a saúde pública.

Nesta sequência foram utilizados as seguintes fontes: a capa do jornal *O Moleque* de 06/03/1885 (**Figura 4**) que traz a imagem do inspetor de saúde, Dr. Raposo, rodeado de esqueletos e a legenda onde lemos: “O novo inspetor de saúde do Porto passa revistas às suas pupilas, prometendo-lhes a sua proteção”.

A segunda fonte foi uma imagem publicada no mesmo jornal na edição do dia 16/08/1885 (**Figura 5**), onde vemos a imagem de um esqueleto com uma foice caminhando pela Praia do Menino Deus, na lâmina da foice lemos a palavra “tifoide” e logo abaixo da imagem a legenda: “Ao passarmos, porém, pela praia do Menino Deus, encontramos a D. Tifoide a passeio”.

A terceira fonte selecionada foi um trecho do livro “A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão” da autora Roselane Neckel:

Na virada do século XIX, os higienistas europeus definiram as intervenções no espaço urbano como essenciais para o controle das doenças, exorcizando as ameaças das grandes aglomerações populacionais. (...) A canalização física dos fluidos, a água encanada, o esgoto, etc., está ligada à ideia de que estas intervenções controlariam as doenças e demais ameaças. O saneamento e a reorganização da vida urbana garantiriam a transformação do meio ambiente degradador e formador de um bom cidadão. (NECKEL, 2003, p. 52)

Para alcançar os objetivos anteriormente citados desta sequência didática foi utilizado como metodologia durante as três aulas as seguintes etapas: leitura das fontes pertinentes à temática; estudar a temática proposta através da análise das fontes; avaliação.

Os estudantes receberam uma cópia contendo estas fontes selecionadas, novamente foram convidados para que voluntariamente algum estudante fizesse a leitura em voz alta e neste momento pudemos retirar qualquer dúvida sobre a mesma. Posteriormente, os estudantes

responderam as seguintes questões: descreva a ilustração publicada no jornal *O Moleque* do dia 06/03/1885 (fonte 1); descreva a ilustração publicada no jornal *O Moleque* do dia 16/08/1885 (fonte 2); conforme o fonte 3, qual relação entre as intervenções urbanas e as epidemias?; relacione o fonte 3 com as imagens publicadas no jornal *O Moleque* nos dias 06/03 e 16/08/1885 observando a crítica feita às condições de saneamento da cidade expostas nas imagens.

O critério avaliativo desta sequência didática foi observar se os estudantes perceberam a crítica feita através de imagem. Percebi, ainda, como relacionaram as intervenções feitas na cidade no final do século XIX com as epidemias da época.

Quadro 4 - Plano 4

Tema: Mudanças no espaço urbano de Desterro: epidemias
Objetivo Geral: Compreender como a imprensa abordou a saúde pública diante das epidemias do final do século XIX em Desterro.
Objetivos específicos: 4. Compreender, através do jornal <i>O Moleque</i> , a preocupação da sociedade com as epidemias em Desterro no final do século XIX. 5. Perceber a relação feita entre as intervenções no espaço urbano e a saúde pública.
Metodologia: 1º Momento: Leitura das fontes pertinentes à temática. 2º Momento: Estudar a temática proposta através da análise das fontes. 3º Momento: Avaliação.
Fontes: 1. Capa do jornal <i>O Moleque</i> de 06/03/1885 2. Imagem publicada no mesmo jornal no dia 16/08/1885. 3. Trecho do livro “A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão” da autora Roselane Neckel.
Avaliação: Solicitar aos estudantes que através da leitura dos fontes 1, 2 e 3 produzam um texto considerando as seguintes questões norteadoras: 1. Descreva a ilustração publicada no jornal <i>O Moleque</i> do dia 06/03/1885(fonte 1). 2. Descreva a ilustração publicada no jornal <i>O Moleque</i> do dia 16/08/1885(fonte 2). 3. Conforme a fonte 3, qual relação entre as intervenções urbanas e as epidemias?

4. Relacione a fonte 3 com as imagens publicadas no jornal *O Moleque* nos dias 06/03 e 16/08/1885 observando a crítica feita às condições de saneamento da cidade expostas nas imagens.

O critério para avaliação será observar como os estudantes percebem a crítica feita através de imagem. Perceber, ainda, como relacionam as intervenções feitas na cidade no final do século XIX com as epidemias da época.

Tempo estimado: 3 aulas

A quinta sequência didática teve como temática o **Abolicionismo em Desterro**, seu objetivo principal foi compreender o debate abolicionista em Desterro e como a sociedade percebia a escravidão no final do século XIX. Foram objetivos específicos: analisar através dos jornais selecionados como a causa abolicionista foi debatida em Desterro; compreender a relação que os jornais faziam da escravidão com o progresso no final do século XIX; compreender como a notícia da abolição do trabalho escravo foi apresentada na Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

Nesta sequência foram utilizadas as seguintes fontes: trecho de artigo “Zig-Zags políticos” publicado no jornal *O Moleque* em 10 de maio de 1885, que discute a escravidão como uma questão que coloca o Brasil como um país atrasado:

Em 1885, na hora bastante adiantada em que vai a civilização, a literatura, as artes, a indústria, a agricultura e progresso material e intelectual do quase todo o mundo, o Brasil, uma nação ainda infantil comparada as velhas nações da Europa, mas já muitíssimo conceituada(...) entre todas as outras possui mais de um milhão de escravos e continua a ser (...)o pedaço enorme da América do Sul ensombrado pela asa imensa do corvo da escravidão (*O Moleque*. Desterro, 10/05/1885)

A segunda fonte foi outro trecho de artigo do jornal *O Moleque*, este publicado no dia 12 de outubro de 1885, com o título “Abolicionismo”, o texto em questão comemora o fim da escravidão no estado do Ceará

O Ceará que foi o berço da literatura (...) quis também ser a cabeça libertadora da raça escrava deste país: (...) conseguiu este aleluia supremo: Não há mais escravo no Ceará. (...)A abolição, a grande obra do progresso é uma torrente que se despenca; não há mais lhe por embaraços a sua carreira vertiginosa. (*O Moleque*. Florianópolis, 12/10/1885)

A terceira fonte se trata do trecho de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina pelo Dr. Augusto Fausto de Souza, em 1 de setembro de 1888:

Do mesmo modo que em todos os pontos do Brasil, foi nesta Capital recebida com verdadeiro entusiasmo a lei que extinguiu malfadada instituição, que há mais de três séculos, dividia na nossa terra a raça humana em opressores e oprimidos (...) ao raiar de 13 de maio deste ano, já não havia escravos em sua Província, graças ao espírito filantrópico de seus habitantes e a eficaz propaganda realizada pela imprensa e por um grupo de nobres cidadãos. (...) Glória a esses cidadãos! (ALESC, 01/09/1888)

Para alcançar os objetivos anteriormente citados desta sequência didática foram utilizados como metodologia durante três aulas as seguintes etapas: leitura das fontes pertinentes à temática; estudar a temática proposta através da análise das fontes; avaliação.

Os estudantes receberam uma cópia contendo estas fontes selecionadas, novamente foram convidados para que voluntariamente algum estudante fizesse a leitura em voz alta e neste momento pudemos retirar qualquer dúvida sobre o mesmo. Posteriormente, os estudantes responderam as seguintes questões: segundo a fonte 1, qual relação é feita entre a escravidão no Brasil e os demais países?; Segundo a fonte 2, como o jornal *O Moleque* noticia a abolição no estado do Ceará? Como a abolição é vista, segundo o jornal?; como a notícia da abolição do trabalho escravo é apresentada na Assembleia Legislativa?; qual a importância dada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina aos jornais em relação à abolição do trabalho escravo?; relacione o texto apresentado na Assembleia Legislativa de Santa Catarina com os publicados no jornal *O Moleque*.

Como critério avaliativo desta sequência didática foram observados como os estudantes perceberam a crítica feita à escravidão. Observei se perceberam a relação feita pelo jornal da escravidão como um atraso para ideia de modernidade e ainda se compreendem a importância do jornal na campanha pela abolição do trabalho escravo.

Quadro 5 - Plano 5

Tema: Abolicionismo em Desterro
Objetivo Geral: Compreender o debate abolicionista em Desterro e como a sociedade percebia a escravidão no final do século XIX.

<p>Objetivos específicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Analisar através dos jornais selecionados como a causa abolicionista foi debatida em Desterro. 7. Compreender a relação que os jornais faziam da escravidão com o progresso no final do século XIX. 8. Compreender como a notícia da abolição do trabalho escravo foi apresentada na Assembleia Legislativa de Santa Catarina.
<p>Metodologia:</p> <p>1º Momento: Leitura das fontes pertinentes à temática. 2º Momento: Estudar a temática proposta através da análise das fontes 3º Momento: Avaliação.</p>
<p>Fontes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Trecho de artigo “Zig-Zags políticos” publicado no jornal <i>O Moleque</i> em 10 de maio de 1885. 5. Trecho do artigo “Abolicionismo” publicado no mesmo jornal no dia 12/10/1885 6. Trecho de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina pelo Dr. Augusto Fausto de Souza, em 1 de setembro de 1888, p. 5.
<p>Avaliação:</p> <p>Solicitar aos estudantes que através da leitura dos fontes 1, 2 e 3 produzam um texto considerando as seguintes questões norteadoras:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Segundo a fonte 1, qual relação é feita entre a escravidão no Brasil e os demais países? 2. Segundo a fonte 2, como o jornal <i>O Moleque</i> noticia a abolição no estado do Ceará? Como a abolição é vista, segundo o jornal? 3. Como a notícia da abolição do trabalho escravo é apresentada na Assembleia Legislativa? 4. Qual a importância dada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina aos jornais em relação à abolição do trabalho escravo? 5. Relacione o texto apresentado na Assembleia Legislativa de Santa Catarina com os publicados no jornal <i>O Moleque</i>. <p>O critério para avaliação será observar como os estudantes percebem a crítica feita à escravidão. Observar se percebem a relação feita pelo jornal da escravidão como um atraso para ideia de modernidade e ainda se compreendem a importância do jornal na campanha pela abolição do trabalho escravo.</p>
<p>Tempo estimado: 3 aulas</p>

A sistematização aqui apresentada buscou apresentar como as sequências didáticas foram realizadas na escola, seus temas, objetivos, fontes, avaliação. O próximo capítulo, por sua vez, apresentará como elas foram realizadas com os estudantes, seus resultados e análise.

4 - O USO DO JORNAL EM SALA DE AULA: ANALISANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

4.1 REALIZANDO AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

As sequências didáticas apresentadas no capítulo anterior foram realizadas entre o primeiro e o segundo trimestre letivo de 2019 na Escola de Educação Básica Rosa Torres de Miranda, unidade educativa pública estadual localizada no bairro Jardim Atlântico, área continental de Florianópolis/SC. A escola, que atende o Ensino Fundamental, possui 11 turmas nos Anos Iniciais e 9 nos Anos Finais, com um total de 467 alunos matriculados. Fundada em 1971, atende o próprio bairro e adjacentes, como Monte Cristo, Coloninha e Barreiros (São José).

A realização do trabalho envolveu duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, uma do período matutino e outra do vespertino, totalizando 50 estudantes. A turma do período matutino, 91, contava com 28 estudantes e a turma do período vespertino, com 22 estudantes. Os estudantes possuem em média entre 14 e 16 anos de idade e são, de uma maneira geral, comprometidos com as atividades escolares.

O planejamento das sequências foi inicialmente organizado pensando nos conteúdos da disciplina de História que são pertinentes ao 9º ano do Ensino Fundamental. O processo de modernização ocorrido entre o final do século XIX e início do século XX faz parte destes conteúdos que devem ser estudados durante o ano letivo e foi esta a temática selecionada nos jornais que deram origem as sequências didáticas. Vale lembrar que ainda que o jornal não seja um suporte atual de acesso à informações e notícias utilizado pelos estudantes, as narrativas do cotidiano da cidade selecionadas neles estão presentes na vida dos estudantes, especialmente sobre os problemas urbanos observados no entorno do espaço escolar. Assim, entre outras questões já apontadas aqui, a opção pelos jornais se dá para aproximar os estudantes a temas do cotidiano do período em estudo foi uma estratégia em busca do objetivo principal - o de perceber a potencialidade do uso do jornal no ensino de história.

A primeira e as demais sequências foram realizadas em duas turmas de 9º ano, a primeira, turma 91, tinha como horário as três aulas semanais distribuídas em três dias da semana durante o turno matutino: quarta e quinta no primeiro período e na sexta o último

período. A segunda, turma 92, tinha como horário as três aulas semanais distribuídas em dois dias da semana durante o turno vespertino: quarta nos dois últimos períodos e na sexta no quarto período.

As sequências didáticas que foram realizadas nas turmas seguiram algumas etapas. Para dar início fiz uma pequena introdução de como seriam as próximas semanas de aula e qual o objetivo da pesquisa. As aulas tiveram objetivos diferentes, mas que se dialogavam em seu processo: primeiramente, que os estudantes construíssem conhecimento sobre o conteúdo estudado e por outro lado, o objetivo da minha pesquisa que analisa o potencial do jornal na sala de aula.

4.1.1 PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Iniciamos com a primeira aula da sequência que tinha como título **O jornal *O Moleque e Desterro no século XIX*** com uma aula expositiva de aproximadamente 30 minutos que tinha como objetivo contextualizar o conteúdo que seria abordado nas aulas posteriores. O processo de Modernização de Desterro/SC foi explanado oralmente e registrado no quadro na forma de um mapa mental, os estudantes também o fizeram em seus cadernos. O mapa mental contava com os seguintes pontos para auxiliar na explicação oral: localização espacial de Desterro e do período estudado, população, economia, espaço urbano e meios de comunicação, também apresentei um mapa (**Anexo F**) da Ilha de Santa Catarina e litoral adjacente para localização. É importante salientar que uma aula expositiva não é feita somente da fala do professor, mas também das ideias e perguntas que surgem. Neste momento os estudantes levantaram questões pontuais sobre a economia, por exemplo, ao questionarem sobre como era produzida a farinha de mandioca; sobre os meios de comunicação questionaram o grande número de jornais que circularam na cidade neste período, já que hoje temos tão poucos títulos.

A aula seguinte iniciou com uma pequena fala relembrando o que havia sido exposto na aula anterior, relembrando cada item, buscando entender qual era a realidade histórica que a turma estudaria nas próximas semanas. Feito isto, a turma foi convidada a se organizar em duplas para a primeira atividade envolvendo a fonte central das aulas, o jornal *O Moleque*. Selecionei seis exemplares diferentes do jornal e distribuí uma cópia feita via impressão do arquivo digitalizado para cada dupla. As edições escolhidas foram as publicadas nas seguintes datas: 26 de março, 16 de abril, 20 de abril, 5 de julho, 19 de julho e 16 de agosto do ano de

1885. Estas edições foram escolhidas pois são as mesmas utilizadas nas atividades que seriam realizadas pelos estudantes nas próximas semanas, buscando assim, aproximá-los da fonte de estudo.

Figura 7 – Capas das edições do jornal *O Moleque* analisadas pelos estudantes



Fonte: Jornal *O Moleque*. Disponível em hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/ordem_alfabetica/letraM.html Acesso em 14/09/2020

Foi solicitado aos estudantes que folheassem as cópias das edições do jornal buscando, seja nos textos como nas imagens publicadas na edição, elencar as temáticas trazidas por aquela fonte. Os jornais estavam numerados na ordem cronológica das edições e para organizar as falas dos alunos (a atividade foi feita oralmente) desenhei uma tabela no quadro e conforme as duplas se manifestavam, a tabela era preenchida. Ao final da atividade os alunos registraram a tabela no caderno.

Figura 8 – Tabela das temáticas levantadas pela turma 91

JORNAL - O Moleque					
Exemplar 01	Exemplar 02	Exemplar 03	Exemplar 04	Exemplar 05	Exemplar 06
<ul style="list-style-type: none"> - Mãe recatada do político - Letra na mão - Jornal não caudava nos olhos - Viravam após rubeando no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no hospital (letra de recatado) - Lepra - Letra de almanaque 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra amarela (letra) - Letra com cor de leite 	<ul style="list-style-type: none"> - Crítica à Assembleia - Presidência (máquina) - Letra fumaça 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra do jornal (letra) - Letra (letra) - Letra (letra) - Letra da fronteira 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto / Letra no rosto - Letra no rosto

Fonte: Sala de aula da escola EEB Rosa Torres de Miranda. Acervo da autora.

Figura 9 – Tabela das temáticas levantadas pela turma 92

JORNAL - O Moleque					
EXEMPLAR 01	EXEMPLAR 02	EXEMPLAR 03	EXEMPLAR 04	EXEMPLAR 05	EXEMPLAR 06
<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto 	<ul style="list-style-type: none"> - Letra no rosto - Letra no rosto - Letra no rosto

Fonte: Sala de aula da escola EEB Rosa Torres de Miranda. Acervo da autora.

As temáticas identificadas pelas turmas 91 e 92 foram as seguintes:

Quadro 6 – Temáticas do jornal *O Moleque* (Turma 91)

Exemplar	Data da Publicação	Temáticas identificadas
01	26 de março de 1885	Má reputação dos políticos; lixo na rua; fiscal não cuidava das ruas; denúncia de escravo apanhando na rua.
02	16 de abril de 1885	Visita do padre Eloy Medeiros ao Hospital de Caridade; falta de iluminação na cidade.
03	20 de abril de 1885	Febre amarela (jornal questiona se a epidemia é verdadeira); crítica ao atraso da chegada das notícias na cidade.
04	05 de julho de 1885	Crítica à Assembleia; Presidente da província demite funcionário.
05	19 de julho de 1885	Comerciantes fugindo do fiscal; homenagem ao teatro; Queda da Bastilha
06	16 de agosto de 1885	Literatura; figura da morte/febre tifoide

Quadro 7 – Temáticas do jornal *O Moleque* (Turma 92)

Exemplar	Data da Publicação	Temáticas identificadas
01	26 de março de 1885	Lixo nas ruas; crítica ao fiscal; escravo agredido no corredor da polícia.
02	16 de abril de 1885	Falecimento de um morador; literatura; poema; flagelo.
03	20 de abril de 1885	Contaminação da febre amarela; chuvas; inspetor de saúde; corsário.
04	05 de julho de 1885	Abolição; poema; política; clube abolicionista
05	19 de julho de 1885	Higiene na praia Menino Deus; má higiene na cidade; poema; taxa do comércio; banquete em homenagem à Queda da Batilha
06	16 de agosto de 1885	Morte na praia Menino Deus (sujeira); Medo do serviço militar; poema; clube abolicionista

As aulas destinadas a esta atividade de levantamento de temáticas exigiram bastante apoio aos estudantes. Fui chamada por eles para sanar dúvidas relacionadas aos textos dos jornais, a maior dificuldade encontrada foi relacionada a ortografia, muito diferente da atual. Os estudantes concentraram-se mais nos títulos dos textos e nas imagens trazidas pelo jornal, no último caso fui solicitada algumas vezes para auxiliar na leitura das respectivas legendas. Nesta atividade, muitas das temáticas levantadas foram as mesmas que trabalhamos nas sequências seguintes, o que auxiliou na aproximação do conteúdo que seria estudado em seguida. Nesta aula os estudantes conversaram bastante entre eles, mostrando o seu exemplar para as outras duplas. As imagens e as tentativas de “decifrar” os textos marcaram este momento em ambas turmas. Além de auxiliar na leitura, alguns estudantes perguntavam onde ficavam localizadas as imagens desenhadas no jornal, como no caso da praia Menino Deus, que foi frequente no jornal, por exemplo.

A aula posterior iniciou com a distribuição do texto “*O Moleque* um jornal de Desterro” (**Anexo A**). Este texto foi elaborado por mim utilizando como referência bibliográfica a Dissertação de Mestrado de Hermetes Reis de Araújo, *A Invenção do Litoral*, e o artigo de Elisabete Maria Espíndola, *Cruz e Sousa: de Desterro para o panteão da poesia simbolista*, que aborda a biografia do autor do jornal. O breve texto apresenta o jornal *O Moleque* e o contextualiza no período em que circulou em Desterro. A leitura do mesmo foi feita em voz alta por alguns alunos que se ofereceram voluntariamente. Cada um ficou responsável por ler um parágrafo e conforme o finalizavam era feita uma pausa na leitura para esclarecer o que havia sido abordado no parágrafo lido. Durante a leitura do primeiro parágrafo, onde se lê “O jornal *O Moleque* circulou na cidade de Desterro”, os estudantes perguntaram sobre o antigo nome da cidade, muitos não conheciam o antigo nome de Florianópolis, mesmo os que haviam nascido e estudado em Florianópolis desde o início de suas vidas escolares. Outro ponto interessante foi em relação aos problemas urbanos elencados no texto, como “iluminação pública, de tratamento de esgoto na cidade e a morosidade e falta de comprometimento das autoridades locais”, os estudantes pontuaram que mesmo depois de tanto tempo, tudo continua igual. Outra fala foi relacionada ao Cruz e Sousa, uma estudante mencionou que havia estudado as poesias dele na aula de língua portuguesa e achou “curioso” o fato de o poeta escrever para um jornal.

A próxima etapa constou em solicitar aos estudantes que respondessem de forma dissertativa três questões, conforme já apresentado no capítulo anterior. Para respondê-las os estudantes utilizaram como suporte o mapa mental, a tabela com as temáticas levantadas das

seis edições do jornal, ambas registradas no caderno, além do texto “*O Moleque* um jornal de Desterro”.

A **pergunta nº 1** dizia: *Qual papel do jornal como veículo de informação no final do século XIX?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 8 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 1)

Respostas	Número de estudantes
Cópia de um trecho do texto <i>O Moleque</i> um jornal de Desterro, que dizia: “Suas páginas traziam notícias da então capital do país, Rio de Janeiro e de acontecimentos locais”.	23
Com suas próprias palavras os estudantes relacionam o jornal como um veículo de informação da população local	14

A **pergunta nº 2** dizia: *Quais são as temáticas apresentadas pelos exemplares do jornal O Moleque?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 9 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 2)

Respostas	Número de estudantes
Cópia de um trecho do texto <i>O Moleque</i> um jornal de Desterro: “ <i>O Moleque</i> fazia críticas aos problemas urbanos como a falta de iluminação pública, de tratamento de esgoto na cidade e a morosidade e falta de comprometimento das autoridades locais, além de utilizar este espaço para condenar a escravidão”	21
Temas listados na tabela construída coletivamente após análise do jornal	15

A **pergunta nº 3** dizia: “*Como este veículo de informações apresentou os problemas vivenciados na cidade para a sociedade do período?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 10 – Respostas dos estudantes (Primeira Sequência - Pergunta 3)

Respostas	Número de estudantes
Cópia de um trecho do texto <i>O Moleque</i> um jornal de Desterro: “manifestações em torno da remodelação da cidade foram publicadas com frequência nos jornais da cidade”	10

“Com poemas e desenhos”	12
Outras respostas afirmaram que “o jornal trazia imagens, textos, críticas, opiniões”.	11

Ao analisar as respostas dos estudantes percebi que houve o uso de cópia como recurso para responder algumas questões, estas ocorreram no uso de trechos do texto entregue aos estudantes e entre eles mesmos, a maioria optou por usar o texto como apoio para suas respostas, incluindo a segunda pergunta onde a tabela construída coletivamente auxiliaria na resposta, a pergunta 3 trouxe um bom número da seguinte resposta: “com poemas e desenhos”. Isso se repetiu entre alunos que são muito próximos na turma 91. Cabe registrar que as respostas trazidas pelos estudantes, ainda que com uso de cópia, contemplaram as perguntas feitas nesta sequência.

A primeira questão a ser avaliada nesta sequência didática foi observar se os estudantes percebiam o jornal como meio de divulgação de ideias. Os estudantes mesmo utilizando o texto como base para responder as perguntas e não suas próprias palavras, indicaram a compreensão de que o jornal tem o objetivo de levar informações e notícias para a população. É muito importante essa visão no processo das sequências, dos estudantes compreenderem o jornal como uma fonte que fez parte do contexto histórico estudado, que este cumpria a função de informar e divulgar ideias naquele período, que é uma fonte que hoje divide sua função com outros veículos de informação.

Já a segunda questão a ser avaliada era perceber se os estudantes identificaram as temáticas presentes nas fontes analisadas. A primeira atividade desenvolvida com os estudantes nesta sequência didática objetivava exatamente que fossem identificadas as temáticas presentes no jornal *O Moleque* onde pudemos construir coletivamente uma tabela que elencou os diferentes temas do jornal. Porém, as respostas ficaram divididas entre o texto de apoio e a tabela, fontes que todos tinham acesso para responder as perguntas. Ainda que o texto apontasse alguns dos temas publicados no jornal, a tabela apresentava estes de forma mais direta para que pudessem responder as questões. Os objetivos da sequência foram alcançados, portanto, de formas diferentes, onde os estudantes puderam fazer suas reflexões dentro das fontes que tinham acesso. Porém, não só a produção escrita fez parte deste processo, cada dia de aula é único e muito do que ocorre na interação entre estudantes e professores não devem ser deixados de lado (ROCHA, 2015). Houve durante o primeiro contato com o jornal, uma reação de

surpresa com as imagens, com o período que ele foi produzido e ainda pelo fato de Cruz e Sousa ser o editor do periódico, alguns perguntavam se “ele era o mesmo das aulas de Português”. Esse contato inicial demonstrou-se bem positivo, pois havia um receio de que houvesse desinteresse pelo tipo de fonte histórica, que não é algo que faz parte do cotidiano dos estudantes, o que dificultaria o andamento do trabalho.

4.1.2 SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A segunda sequência teve como temática: **As mudanças no espaço urbano de Desterro: iluminação pública.** O material disponibilizado para os estudantes sobre o assunto foram: a capa do jornal *O Moleque* publicada em 16 de abril de 1885 em Desterro e um trecho do artigo “Progresso” publicado no jornal *O Clarão* de 20 de agosto de 1911 em Desterro.

Ambas fontes fazem crítica à falta de iluminação pública nas ruas da cidade em períodos diferentes. Iniciamos a aula com a familiarização do material, observando os detalhes da capa do jornal e seguimos pela leitura das fontes por um aluno que a faz de forma voluntária. Importante ressaltar uma observação ocorrida em ambas as turmas que realizaram as sequências: a fala dos estudantes que o problema da falta de luz é recorrente onde moram. Muitos comentaram que o roubo de fios da rede de iluminação pública é bastante comum nas ruas dos bairros próximos a escola, alguns destacaram que esse tipo de problema ocorre na própria escola com bastante frequência, o que atrapalha o cotidiano das aulas sem iluminação e sem ventiladores.

Após a leitura das fontes, os estudantes receberam as três questões que deveriam responder de forma dissertativa conforme a compreensão que tiveram da leitura feita.

A **pergunta nº 1** dizia: *Descreva a ilustração da capa do jornal o Moleque do dia 16/04/1885 (fonte 1).* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 11 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 1)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem apenas o personagem, “um menino/rapaz segurando um lampião”	12

Descrevem o personagem e o cenário, “na rua durante a noite/numa rua escura/nas ruas escuras de Desterro”	20
---	----

A **pergunta nº 2** dizia: *Como o jornal O Clarão tratou a falta de iluminação a cidade (fonte 2)?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 12 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 2)

Respostas	Número de estudantes
Relacionam a escuridão a “algo sombrio”	27
Relacionam a escuridão a “falta de progresso/distância do progresso”	6

A **pergunta nº 3** dizia: *Segundo os jornais analisados, como a falta de iluminação pública afetava a população da cidade de Desterro?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 13 – Respostas dos estudantes (Segunda Sequência - Pergunta 3)

Respostas	Número de estudantes
Moradores sofriam com a “falta de iluminação pública e tinham dificuldade de sair à noite nas ruas da cidade”	20
Moradores passavam por “dificuldades nas ruas escuras e precisavam utilizar lampiões caso necessitassem sair”	13

A primeira questão a ser avaliada nesta sequência didática era observar se os estudantes perceberam a crítica feita através de imagem apresentada no jornal que representava uma crítica a falta de iluminação pública da cidade. Ao descrevê-la um grupo de estudantes atentaram somente para o personagem como “um rapaz/menino/garoto”, enquanto outras também observaram o cenário onde o personagem estava inserido, “na rua escura/em uma rua durante a noite”. A descrição do personagem e do cenário ao redor enfatizaram a presença de um lampião sendo levado por este personagem, como afirmaram os estudantes: “um homem caminhando com um lampião em uma noite muito escura e sem vida” ou ainda “chegava a noite e por não ter iluminação ficava uma imensa escuridão, onde as pessoas usavam lampiões para iluminar os caminhos”. A crítica à falta de iluminação feita pelo jornal foi compreendida pelos estudantes já durante o tempo destinado a leitura das fontes, pois relacionaram aos problemas de falta de energia constante no bairro onde moram às fontes.

Já a segunda questão a ser avaliada nesta sequência era perceber como os estudantes relacionaram textos de autores diversos. Para que este critério fosse analisado foi necessário observar como os estudantes percebiam dois textos de jornais diferentes. Utilizei fontes que abordavam a mesma temática, o problema da iluminação pública na cidade, em jornais diferentes: *O Moleque* publicado em 1885 e *O Clarão* de 1911, buscando que os estudantes pudessem articular as respostas, utilizando ambos as fontes. As respostas obtidas demonstram que entenderam a crítica feita, apontando que era “muito difícil sair à noite” ou que “havia dificuldade de sair por causa da escuridão”. Mesmo utilizando respostas mais simplificadas, há a percepção das críticas feitas por ambos os jornais à falta de iluminação na cidade, mesmo não articulando um texto com o outro.

4.1.3 TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A terceira sequência abordou o tema: **Saneamento básico em Desterro no século XIX**, buscando entender como o jornal *O Moleque* tratou o problema na cidade estabelecendo discussão com as opiniões do poder público com este tema.

Como as sequências didáticas anteriores, os estudantes fizeram a leitura e análise das fontes correspondentes. Como já mencionado no capítulo anterior, as fontes da terceira sequência didática foram: uma imagem que foi publicada no jornal *O Moleque* de 16 de abril de 1885, denunciava a sujeira na Praia do Menino Deus; uma segunda imagem publicada no dia 19 de julho de 1885 e trazia a mesma Praia do Menino Deus, desta vez sem personagens e repleta de lixo; a terceira fonte era o trecho de um artigo denunciando a sujeira na Praia Menino Deus; a quarta fonte foi um trecho de um relatório oriundo da Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina.

Após a leitura das fontes históricas feita de forma coletiva, ou seja, sempre um ou mais estudantes se voluntariavam para fazer em voz alta e quando terminada eram retiradas as dúvidas sobre cada uma das fontes entregues. Nestas leituras, um estudante iniciava lendo a primeira fonte, como muitos gostam de ler em voz alta, dividia as fontes em partes para que o máximo de estudantes participassem deste momento. Quando cada um terminava de ler, eu explicava o que cada trecho trazia, pois, apesar de ter utilizado a ortografia atual para transcrever as fontes que os estudantes utilizariam, muitos deles foram escritos com bastante formalidade e com uso de palavras que não fazem parte do nosso cotidiano. Quanto as imagens,

solicitava que olhássemos para elas e perguntava o que tinha no desenho, se havia personagens, que roupas usavam, se tinha algum objeto, como era o cenário em volta. De maneira geral, os estudantes participavam bem e respondiam oralmente quando questionados. Após, munidos destas fontes, os estudantes responderam quatro questões:

A **pergunta nº 1** dizia: *Descreva a ilustração publicada no jornal O Moleque do dia 16/04/1885(fonte 1)*. As respostas dos estudantes foram:

Quadro 14 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 1)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem o que está ocorrendo na cena: “o lixo sendo jogado no mar”.	30
Descrevem a cena, seus personagens e cenário: “duas pessoas negras jogando lixo no mar”, “uma rua com algumas casas ao fundo”	10

A **pergunta nº 2** dizia: *Descreva a ilustração publicada no jornal O Moleque do dia 19/07/1885(fonte 2)*. As respostas dos estudantes foram:

Quadro 15 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 2)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem apenas a grande quantidade de lixo: “muito lixo no mar”, “muita sujeira espalhada”	22
Descrevem que o lixo está espalhado em uma praia, ou especificamente na Praia Menino Deus: “a praia de Desterro cheia de lixo”, “a sujeira da praia Menino Deus”	18

A **pergunta nº 3** dizia: *Segundo a publicação do jornal O Moleque do dia 19/07/1885 (fonte 3), quais eram os problemas enfrentados pela população de Desterro?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 16 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 3)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem que o problema era a “sujeira na praia”	34
Descrevem que o problema era a sujeira em toda a cidade, ruas e praias: “falta de limpeza por toda cidade”,	6

A **pergunta nº 4** dizia: *Conforme a fonte 4, como o poder público compreendia a questão do saneamento básico em Desterro?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 17 – Respostas dos estudantes (Terceira Sequência - Pergunta 4)

Respostas	Número de estudantes
Compreendem a fonte como uma crítica a questão do saneamento	26
Compreendem a responsabilidade dos moradores com a situação	5
Compreendem que o governo assumia o problema, mas não apresentava uma solução	6

A primeira questão a ser avaliada desta sequência foi observar se os estudantes percebiam a crítica feita através das imagens. As imagens trazidas pelo jornal que foram selecionadas para a atividade foram compreendidas com facilidade, não foram observadas dificuldades dos estudantes em observar as críticas à situação do acúmulo de lixo na Praia do Menino Deus denunciada pelo jornal. Nesta temática, após a leitura das fontes, questionei se conheciam algum local de descarte incorreto de lixo, houve menção da praia do bairro, do córrego, das ruas e da praça e que isto ocorria não só por “culpa do governo que não faz a limpeza”, mas pela falta de educação dos moradores. Alguns estudantes enfatizaram como, infelizmente, “algumas coisas não mudam com o tempo”.

Já a segunda questão a ser avaliada era perceber como os estudantes relacionaram os diferentes discursos sobre a temática do saneamento básico. As respostas dos estudantes são diferenciadas, mas levam ao mesmo caminho, às críticas feitas à situação vivenciada, ao não engajamento do poder público, a responsabilidade dos moradores pelo lixo espalhado nas ruas.

4.1.4 QUARTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A quarta sequência didática tinha como tema: **A saúde pública e as epidemias em Desterro no século XIX** e buscou compreender como a imprensa abordou esta temática, além de perceber a relação feita entre as intervenções no espaço urbano e a saúde pública. Os materiais disponibilizados para os alunos foram: a capa do jornal *O Moleque* de 06 de março de 1885, que trazia a imagem do inspetor de saúde cercado de esqueletos; uma imagem do mesmo jornal publicada no dia 16 de agosto do mesmo ano onde a figura de um esqueleto representando a morte caminhava no lixo espalhado na praia; a terceira fonte foi um trecho de um livro e que trata sobre as intervenções urbanas na cidade. Aqui lembramos, durante a leitura, do descarte de lixo feito incorretamente no bairro. Uma aluna da turma 91 comentou que a praçinha da Avenida Juscelino Kubitschek, conhecida no bairro como PC3, foi recentemente limpa pelos moradores e ganhou desenhos feitos por um grafiteiro no muro.

Os estudantes foram convidados a fazerem a leitura coletiva das fontes de forma voluntária, esclarecemos as dúvidas, observamos atentamente as imagens e após, deveriam responder a algumas perguntas.

A **pergunta nº 1** dizia: *Descreva a ilustração publicada no jornal O Moleque do dia 06/03/1885(fonte 1)*. As respostas dos estudantes foram:

Quadro 18 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 1)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem o personagem principal: o inspetor de saúde	16
Descrevem o personagem principal e os esqueletos representando a morte ao fundo	20

A **pergunta nº 2** dizia: *Descreva a ilustração publicada no jornal O Moleque do dia 16/08/1885(fonte 2)*. As respostas dos estudantes foram:

Quadro 19 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 2)

Respostas	Número de estudantes
Relacionam o esqueleto à morte	7
Descrevem o personagem central, a morte, e o cenário	27

Relacionam o lixo às doenças	5
------------------------------	---

A **pergunta nº 3** dizia: *Conforme a fonte 3, qual relação entre as intervenções urbanas e as epidemias?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 20 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 3)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem o grande número de lixo e relacionam com o surgimento de doenças	9
Descrevem o problema do lixo e apontam a necessidade de uma intervenção urbana	29

A **pergunta nº 4** dizia: *Relacione a fonte 3 com as imagens publicadas no jornal O Moleque nos dias 06/03 e 16/08/1885 observando a crítica feita às condições de saneamento da cidade expostas nas imagens.* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 21 – Respostas dos estudantes (Quarta Sequência - Pergunta 4)

Respostas	Número de estudantes
Apenas descrevem o conteúdo das fontes	5
Relacionam as ideias das fontes	32

A primeira questão a ser avaliada desta sequência foi observar se os estudantes percebem a crítica feita através de imagem. As imagens de esqueletos munidos de foices que associamos à morte foi facilmente identificada pelos estudantes, especialmente na ilustração da fonte nº2. A capa do jornal com o inspetor de saúde ao centro em destaque levou alguns estudantes a não perceberem a ideia de que a morte rondava a região de Desterro durante a cheda do mesmo. Em alguns casos, ao descreverem que havia lixo na ilustração, associaram a falta de higiene às doenças e epidemias demonstrando uma leitura mais crítica das imagens.

Já a segunda questão a ser avaliada era perceber como os estudantes relacionam as intervenções feitas na cidade no final do século XIX com as epidemias da época. As respostas dos estudantes indicaram um entendimento da relação entre as epidemias presentes na cidade e a necessidade de uma intervenção que pudesse solucionar o problema. Vale ressaltar que durante a leitura das fontes, alguns estudantes fizeram intervenções de forma oral de como o

“esgoto e o lixo trazem doenças”, “falta de água limpa faz muito mal para saúde” o que mostra a proximidade do tema com a realidade dos estudantes e o interesse com a aula em si ao participarem mesmo sem uma solicitação.

4.1.5 QUINTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A quinta sequência tratou da temática do **Abolicionismo em Desterro**, buscando analisar através dos jornais selecionados como a causa abolicionista foi debatida em Desterro, compreender a relação que os jornais faziam da escravidão com o progresso no final do século XIX e como a notícia da abolição do trabalho escravo foi apresentada à Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

Para o estudo desta temática os alunos receberam as seguintes fontes para serem analisados: o trecho do artigo “Zig-Zags políticos” publicado no jornal *O Moleque* em 10 de maio de 1885, que aborda a questão abolicionista no Brasil; o trecho do artigo “Abolicionismo” publicado no mesmo jornal no dia 12 de outubro de 1885, que comemora a abolição da escravidão no estado do Ceará; e o trecho do relatório apresentado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina pelo Dr. Augusto Fausto de Souza, em 1º de setembro de 1888, que comemora o fim da escravidão no Brasil.

Os estudantes receberam as fontes citadas para leitura coletiva. Porém, ainda que estas fontes tivessem como temática a abolição do trabalho escravo, durante a leitura os estudantes interferiram dizendo que “ainda existe escravidão no Brasil”, que “os negros não são livres de verdade” e “o racismo acontece em todos os lugares”. Fiz os esclarecimentos devidos, especialmente auxiliando na compreensão dos textos. Após foram entregues as perguntas que deveriam responder com base na leitura e análise destas fontes

A **pergunta nº 1** dizia: *Segundo a fonte 1, qual relação é feita entre a escravidão no Brasil e os demais países?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 22 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 1)

Respostas	Número de estudantes
Indicam que ainda havia muitos escravos no Brasil	15

Indicam que o Brasil estava atrasado em relação aos outros países	22
---	----

A **pergunta nº 2** dizia: *Segundo o fonte 2, como o jornal O Moleque noticia a abolição no estado do Ceará? Como a abolição é vista, segundo o jornal?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 23 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 2)

Respostas	Número de estudantes
Associam a notícia da abolição como um progresso	18
Associam a notícia como uma comemoração	18

A **pergunta nº 3** dizia: *Como a notícia da abolição do trabalho escravo é apresentada na Assembleia Legislativa?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 24 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 3)

Respostas	Número de estudantes
Como algo que traria progresso para o país	7
Que ocorreu graças a ajuda de muitas pessoas	6
Que estão comemorando a abolição	22

A **pergunta nº 4** dizia: *Qual a importância dada pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina aos jornais em relação à abolição do trabalho escravo?* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 25 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 4)

Respostas	Número de estudantes
A imprensa “ajudou/foi eficaz através das propagandas”	21
Que a imprensa estava “comemorando”	11

A **pergunta nº 5** dizia: *Relacione o texto apresentado na Assembleia Legislativa de Santa Catarina com os publicados no jornal O Moleque.* As respostas dos estudantes foram:

Quadro 26 – Respostas dos estudantes (Quinta Sequência - Pergunta 5)

Respostas	Número de estudantes
Descrevem o que dizia cada uma das fontes: “as fontes do jornal estão fazendo campanha pela abolição”, “a fonte da Assembleia está parabenizando”, “a Assembleia reconhece o trabalho dos jornais”	18
Relacionam as fontes, afirmam que eles possuem o mesmo objetivo: “apoiar a abolição”, “acabar com a escravidão no Brasil”	16

A primeira questão a ser avaliada nesta sequência era observar como os estudantes perceberam a crítica feita à escravidão. Através das respostas dos estudantes se percebe que estes relacionam as fontes como textos críticos à escravidão, que havia neste jornal apoio a campanha abolicionista, além da ideia de atraso quanto ao país ainda possuir pessoas escravizadas. Um estudante comentou que “nós, negros precisamos lutar muito” e que “essa campanha tem que continuar”.

Já a segunda questão a ser avaliada era observar se percebem a relação feita pelo jornal da escravidão como um atraso para ideia de modernidade e ainda se compreendem a importância do jornal na campanha pela abolição do trabalho escravo. Este critério complementa o anterior, onde podemos observar que há a compreensão dos estudantes que a imprensa teve seu papel na campanha pelo fim da escravidão no Brasil, além de terem observado que as fontes trazem a ideia de que um país que ainda admite o trabalho escravo é atrasado, está longe da modernidade e do progresso.

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

O processo de realização das sequências didáticas teve a duração de seis semanas, sendo interrompido após a quarta sequência pelos Jogos de Integração, evento previsto no calendário escolar, assim a última sequência foi retomada na semana seguinte. Os estudantes, de um modo geral, se comprometeram com as sequências didáticas e se envolveram especialmente durante as leituras das fontes. Iniciando pela leitura feita de forma voluntária, foi necessário organizar que cada um fizesse a leitura de apenas um trecho das fontes estudadas, pois muitos se

ofereciam para a tarefa. Após cada leitura, era feito todos os esclarecimentos buscando contextualizar a fonte, além de sanar qualquer dúvida com relação ao vocabulário utilizado.

Toda aula possui sua rotina, mas cada dia de aula também é único devido a interação entre professores e estudantes. Conforme salienta Helenice Rocha (2015), cada aula é um evento, em sua singularidade, e uma rotina. Esta singularidade que não está presente no planejamento ficou marcada durante as sequências didáticas quando os estudantes ao estudarem as fontes que abordavam os problemas urbanos da cidade fizeram diversas contribuições. Foram relatos de situações vividas no cotidiano dos estudantes: falta de iluminação, de saneamento e de água (problema também recorrente na unidade educativa) e a fala recorrente de que “os problemas parecem nunca se resolver”. O debate sobre a propaganda abolicionista, ocorrido durante a leitura da fonte, foi bastante rico com falas de diversos estudantes, onde questionam que a liberdade buscada durante a campanha abolicionista ainda não foi alcançada totalmente.

O cotidiano escolar apesar de ter seus horários fixos e sua própria rotina, conta com os imprevistos corriqueiros como em qualquer local. O dia reservado para a turma 91 responder as perguntas elaboradas para a primeira sequência didática foi um exemplo disto. Neste dia ocorreu a falta de um professor na escola e como a aula de História era o último horário, a direção solicitou que eu adiantasse a aula, o que foi feito. Ao fazer isto, precisei atender a turma que já estava naquele horário e a turma que estou adiantando ao mesmo tempo, ou seja, tive pouco tempo para ler com calma as questões junto com os estudantes e retomar o debate da aula anterior - o que poderia dar um suporte maior para que pudessem desenvolver a atividade. Um número grande de estudantes respondeu as questões de forma muito rápida para entregar a atividade e poder sair mais cedo da escola. A turma do período da tarde realizou as atividades em uma aula faixa, que tem uma duração de uma hora e trinta minutos, o que foi tempo suficiente para relembrarmos a aula anterior onde levantamos os temas da tabela que construímos coletivamente e ler as perguntas que os estudantes deveriam responder. É importante ainda que se diga que esta turma, 92, marcou o ano letivo de 2019 com inúmeros e graves problemas de indisciplina, o que inevitavelmente prejudica o processo de ensino-aprendizagem. Porém, a disponibilidade de tempo que tiveram para realizar a atividade auxiliou no resultado, com respostas mais reflexivas, sem utilizar muito o recurso de cópia como ocorreu na turma 91, onde claramente um colega copiou do outro em todas as três perguntas gerando muitas respostas iguais. O período de 45 minutos por aula contando com chamada e organização da turma é muitas vezes curto para desenvolver algumas atividades. A entrada de alunos no

início do turno, no caso da turma 91, era constante e prejudicava o andamento das aulas com muitas interrupções.

Além das questões já mencionadas, é necessário apresentar algumas considerações sobre o resultado da produção dos estudantes em todo o processo das sequências didáticas. Inicialmente é importante mencionar que houve uma boa aceitação do tipo de fonte utilizada, apesar do jornal impresso não fazer parte do cotidiano destes estudantes, que utilizam em grande parte sites de notícias ou redes sociais como meio de informação. Houve no primeiro contato com a fonte, durante o levantamento das temáticas, um foco maior nas imagens e nos títulos dos textos presentes no jornal. A questão ortográfica pesou bastante na leitura dos textos neste momento, precisando de bastante intervenção para a compreensão. Isto foi minimizado nas sequências seguintes, pois os recortes feitos dos jornais que utilizamos para o estudo nas sequências tiveram o texto atualizado, além de fazermos a leitura com mediação. O primeiro contato utilizou 6 exemplares completos, o que impossibilitava uma leitura mais cuidadosa. De qualquer modo, o levantamento de temáticas do jornal *O Moleque* foi bastante satisfatório e trouxe temas que seriam posteriormente trabalhados nas sequências posteriores, como a presença de lixo nas ruas, as epidemias e a campanha abolicionista.

Segundo Isabel Barca, existem abordagens que “aceitam a existência de uma multiplicidade de perspectivas em História” (BARCA, 2001, p. 30), mas há entre os historiadores, como critério de validação de suas produções, o uso da consistência com a evidência (fonte histórica) como um consenso. Conforme a autora, este critério demarca o que é uma resposta histórica. Assim sendo, este critério deve ser explorado nas aulas de História de forma gradual. Ainda segundo a autora, é importante atentar-se para dois níveis de interpretação histórica: o da descrição e o da explicação. O primeiro, necessita apenas de uma confirmação, já o segundo além da confirmação, precisa “se apresentar como plausível e logicamente satisfatória” (BARCA, 2001, p. 30).

Nesse sentido, ao observar as respostas dos estudantes nas sequências didáticas, as respostas descritivas foram oriundas de perguntas que já solicitavam esta ação dos estudantes, como as relacionadas às imagens. Nestas, os estudantes puderam descrever por exemplo a capa do jornal *O Moleque* do dia 16/04/1885: “um menino andando na rua a noite com um lampião” ou “um garoto caminhando na escuridão da cidade com um lampião”. Outras questões também trouxeram respostas descritivas, como quando foram perguntados sobre como a falta de iluminação pública afetava a população da cidade de Desterro. Aqui os estudantes descreveram

os problemas enfrentados pelos moradores, segundo eles, “atrapalhava quem quisesse sair pela noite da cidade” ou ainda “tinham muitas dificuldades de fazer algo na rua durante a noite”. Outras respostas descritivas aparecem quando foi solicitado que apontassem os problemas relacionados à praia do Menino Deus, aqui os estudantes responderam que “faltava limpeza na praia”, “a praia estava repleta de lixo” ou “a sujeira estava por toda a Praia do Menino Deus”.

As respostas do nível explicativo ocorreram em perguntas como a que solicitou de qual maneira o jornal *O Clarão* tratou a falta de iluminação a cidade. Os estudantes relacionaram o problema da escuridão nas ruas a algo “muito sombrio”, que “a cidade estava longe do progresso” ou como “um problema que todos enfrentavam”. Na sequência que tratou o saneamento básico, os estudantes foram questionados em como o poder público compreendia essa questão em Desterro, as respostas demonstram a compreensão de que a fonte utilizada trazia uma crítica a questão do saneamento. Outras questões também trouxeram respostas explicativas, um exemplo são as questões que solicitam que seja relacionado às fontes. A questão sobre o saneamento que pede que os estudantes relacionem as fontes utilizadas nesta sequência trouxe, na grande maioria, respostas que relacionavam as ideias trazidas pelas fontes utilizadas.

Seja nas respostas descritivas, que ocorreram especialmente nas imagens já que foi a descrição das mesmas que havia sido solicitado, como nas respostas explicativas, onde em grande parte não houve uma descrição da fonte, mas sim uma compreensão das ideias centrais trazidas por ela, o que se pode concluir com todo o processo é que o uso das fontes históricas foi central nas respostas dos estudantes, como apontou Isabel Barca (2001), este é o critério que demarca o que é uma resposta histórica.

A potencialidade dos jornais, já bastante demonstrada na historiografia, encontrou espaço na sala de aula em pesquisas que utilizam esta fonte como central ao pensar na abordagem e no planejamento com os estudantes, variando em temas e método. Nesta pesquisa optei em utilizar a sequência didática como metodologia ao pensar no planejamento das aulas. Ao observar todo o processo de realização destas sequências pude perceber a interação dos estudantes com a fonte, tanto ao analisá-los na realização das atividades escritas como de forma oral, nas intervenções ocorridas durante as aulas. O jornal demonstrou potencial ao instigar a fala dos estudantes, que manifestaram interesse não só com a curiosidade de manusear uma fonte que não faz parte do cotidiano, como ao estudar as temáticas propostas pelas sequências.

Os temas, tão próximos a realidade dos estudantes, auxiliaram no envolvimento durante as aulas e fizeram do jornal o ponto central no estudo sobre o processo de Modernização de Desterro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa traçou um grande caminho de dúvidas até a sua definição, onde precisei olhar para minha prática em sala de aula e entender que era ali que se encontrava o meu objeto de pesquisa: o uso de jornais no Ensino de História. Busquei aqui apresentar uma dissertação propositiva, ou seja, uma proposta de trabalho para ser realizada com estudantes da Educação Básica que servisse de espaço de pesquisa e reflexão. Realizei um conjunto de cinco sequências didáticas ao longo de seis semanas em uma escola pública estadual com duas turmas de 9º ano. Como objetivo de ensino estas sequências tinham como tema geral o processo de modernização de Desterro/SC, e para cada uma delas uma temática específica: o jornal *O Moleque* e a Desterro do século XIX, a iluminação pública, saneamento básico, as epidemias e a campanha abolicionista. Por sua vez, como objeto de pesquisa, as mesmas tinham como questão a investigação sobre o jornal no ensino de História.

As questões utilizadas nas sequências didáticas buscaram trazer aos estudantes um trabalho baseado em fontes históricas para o estudo da temática escolhida. As respostas dos estudantes nas questões anteriormente apresentadas demonstraram alguns momentos serem operadas no modo descritivo, muitas vezes baseada no próprio enunciado da questão que solicitava tal ação, e em outros momentos apresentaram um raciocínio em um nível explicativo, neste caso estão presentes especialmente em questões que solicitavam que os estudantes relacionassem as fontes.

As sequências didáticas são um conjunto de atividades ordenadas e articuladas com objetivos específicos que visam contribuir na aprendizagem de estudantes e na construção de conhecimento, auxiliando ainda na prática docente ao analisarmos o processo de desenvolvimento dos estudantes. Assim sendo, ao observar todo o processo das sequências desde o estudo das fontes às respostas das atividades dissertativas produzidas pelos estudantes, percebo que houve além da apropriação do conteúdo, uma análise que muitas vezes se demonstrou crítica. Esta crítica esteve bastante presente nas intervenções orais dos estudantes ocorridas durante o estudo das fontes selecionadas dos jornais.

As sequências tinham como objetivo geral o aprendizado do processo de Modernização de Desterro/SC. Para cada uma destas, tracei objetivos referentes a temática específica de cada sequência, visando ao fim refletir sobre a potencialidade do jornal no ensino de História. Na primeira delas, a ideia era conhecer o jornal *O Moleque* e seu contexto histórico; as sequências seguintes objetivavam a compreensão dos estudantes sobre problemas urbanos, como a falta de

iluminação pública, de saneamento básico e as epidemias; já a última sequência buscou que os estudantes compreendessem o debate acerca da campanha abolicionista em Desterro.

Observando todo o processo de realização das sequências nas duas turmas envolvidas, percebi o desenvolvimento de aprendizados sobre os temas trabalhados. Ainda que em alguns momentos os estudantes tivessem recorrido à cópia de trechos das fontes para responder às questões propostas, foi a oralidade que demonstrou o interesse dos estudantes sobre as temáticas estudadas. Em uma sequência didática é preciso considerar todo o processo, e nele não somente o que é produzido de forma escrita naquilo que formalmente chamamos de atividade/prova. Cada dia de aula é singular e único, aquilo que é dito, a interação entre professores, estudantes e os conhecimentos históricos não pode ser desprezado. As intervenções dos estudantes durante a leitura das fontes demonstraram um terreno bastante fértil de debate e, portanto, de produção de conhecimento. O estudo com o jornal auxiliou em todo este processo, demonstrando potencial na habilidade de observação, na comparação, no reconhecimento de diferenças e semelhanças entre diferentes fontes e no desenvolvimento da crítica. O uso do jornal demonstrou, portanto, ter potencial na produção do conhecimento para o ensino de História e no aprendizado de estudantes.

Este recurso, dos jornais nas aulas de História, fez parte também deste ano letivo atípico de 2020, ano de pandemia mundial. Com a necessidade de mudança do ensino presencial para o ensino remoto não deixei de elaborar atividades utilizando este recurso, porém o desafio foi pensar em um material que não exigisse a mediação do professor, já que a maioria dos alunos buscava as atividades impressas na escola. Busquei, então, junto aos trechos selecionados apresentar brevemente as fontes, acrescentei um vocabulário para só depois trazer questões que problematizavam o jornal.

Assim como qualquer outro material, estas sequências didáticas devem ser adaptadas conforme o tema e o público ao qual o professor trabalha, e ainda que utilize a mesma temática esta pode ser modificada com novos recortes, novas fontes novos questionamentos visando sempre a construção do conhecimento em História de nossos estudantes.

Isabel Barca (2001) apresenta uma característica fascinante da História, as respostas provisórias que ela nos dá. Ainda que utilizando as mesmas fontes, partimos de pontos de vista diversos e, portanto, obtemos resultados diferentes. O olhar dado ao jornal trouxe respostas de diferentes perspectivas dos estudantes, demonstrando não só a potencialidade que o jornal possui no ensino de História como a riqueza que temos em sala de aula ao construir um ambiente

democrático e acolhedor ao debate e a construção do conhecimento. E sendo esta dissertação propositiva incentivo aos demais professores a utilizarem esta sequência seja de forma integral ou adaptada conforme a necessidade e o planejamento de aula, e ainda faço votos de que utilizem os jornais com todo seu potencial de debate e de pesquisa para seus estudantes.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Kátia Maria; ALVES, Ronaldo Cardoso; SILVA, André Chaves de Melo. **O uso dos jornais em sala de aula**. In: ____ Ensino de História. São Paulo: Cengage Learning, 2010
- ADRIANO, Fabrício. **O trabalho com fontes impressas periódicas nas aulas de História: um estudo de caso sobre o desenvolvimento do pensamento histórico**. Dissertação de Mestrado: UDESC, 2018.
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.
- AREND, Silvia Maria Favero. **Um país impresso: história do tempo presente e revistas semanais no Brasil 1960-1980**. Curitiba: CRV, 2014.
- BARCA, Isabel, Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. **Perspectivas em Educação Histórica: atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica**, Braga: Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, 2001
- BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares. In: _____. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2002.
- _____. **Reflexões sobre o ensino de História**. Ensino de Humanidades. Estudos Avançados 32 (93), 2018.
- BLOCH, M. **A apologia da História ou o Ofício do Historiador** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/historia> Acesso em 20/09/2020.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. v.2 Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, nº 28, p. 129-150, dezembro, 2008.
- CARVALHO, Marieta Pinheiro de; ZAMPA, Vivian Cristina da Silva. O Arquivo Nacional em sala de aula: fontes históricas na construção do conhecimento. **Revista História Hoje**, v. 6, nº 12, 2017, p. 35-54
- CESCO, Susana. Meio ambiente e saúde pública: a urbanização de Nossa Senhora do Desterro no século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 142-163, ago. 2011
- CRUZ, Heloísa de; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa. In: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos**

Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 35, dez/2007.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Cruz e Sousa: de Desterro para o panteão da poesia simbolista. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL; Joseane Z. (org.). **História Diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. p.225-245

_____. **Cruz e Sousa: modernidade e mobilidade social nas últimas décadas do século XIX**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Católica de São Paulo, SP, 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. O ensino de História e a construção da cidadania. In: _____. **Didática e prática de ensino de História**. 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2009.

HACHMANN, Juliana. **Imprensa64.pro.br: materiais didáticos sobre o golpe de estado de 1964 por meio da imprensa brasileira**. Dissertação de Mestrado: UDESC, 2016

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990. p. 535-549

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In BACELLAR, Carlos; PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed São Paulo (SP): Contexto, 2008

_____. Fontes impressas, historiografia e escrita da História. In: LOHN, Reinaldo Lindolfo (Org.) **História nas bancas de revistas**. Um país impresso: entre representações sociais e culturais políticas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016

MATOS, Felipe. **Uma ilha de leitura: notas para uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)**. Florianópolis: UFSC, 2008.

MENDES, Leonardo; AMARAL, Alexandre. Virgílio Várzea, escritor naturalista. **Revista Soletras: estudos literários**. UERJ, n.27, 2014.1 NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1900)** Coleção Rebento. Florianópolis: Ed. UFSC, 2003.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. Assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro. In: BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001. p. 205-230.

PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX**. Florianópolis: UFSC, 1995

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de História?** Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista Anos 90, Porto Alegre, v. 15, nº 28, p. 113-128, dezembro/2008

PRATS, Joaquín. **Ensinar História no contexto das Ciências Sociais:** princípios básicos. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

REIS, José Carlos. *Nouvelle Historie e tempo histórico:* a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

ROCHA, Helenice. Aula de História: evento, ideia e escrita. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, jul/dez 2015.

SIEBERT, Itamar. Crônica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX. In: BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero (org.). **História de Santa Catarina no século XIX.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.p 231-268.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. **Imprensa e política no Brasil:** considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. Revista História em Reflexão: Vol. 4 n. 8. UFGD: Dourados, jul/dez, 2010.

ZABALA, Antoni. **As sequências didáticas e a sequência de conteúdo.** In: _____ A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ANEXOS

Anexo A – Texto da Primeira Sequência Didática

O Moleque, um jornal de Desterro

O jornal *O Moleque* circulou na cidade de Desterro, atual Florianópolis, no final do século XIX. Foi fundado por Othon Gama D'Eça e, posteriormente teve como responsáveis os poetas Virgílio Vársea e Cruz e Sousa.

Suas páginas traziam notícias da então capital do país, Rio de Janeiro e de acontecimentos locais. *O Moleque* fazia críticas aos problemas urbanos como a falta de iluminação pública, de tratamento de esgoto na cidade e a morosidade e falta de comprometimento das autoridades locais,

além de utilizar este espaço para condenar a escravidão.

Manifestações em torno da remodelação da cidade foram publicados com frequência nos jornais da cidade que a partir da segunda metade do século XIX iniciou um lento desenvolvimento socioeconômico.

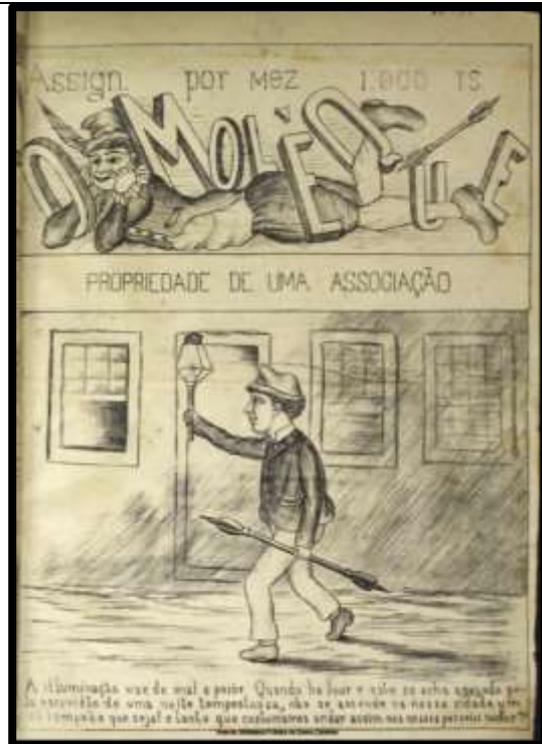
Neste período, Desterro passou por um movimento que buscava o campo da higiene urbana e social. A elite da cidade a considerava atrasada e suja, era preciso ser civilizado.

Apesar do grande número de analfabetos na cidade, foram os jornais que tiveram um papel decisivo em destacar estas novas práticas para a população local.

Referências:

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Cruz e Sousa: de Desterro para o panteão da poesia simbolista. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; VIDAL; Joseane Z. (org.). **História Diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. p.225-245.



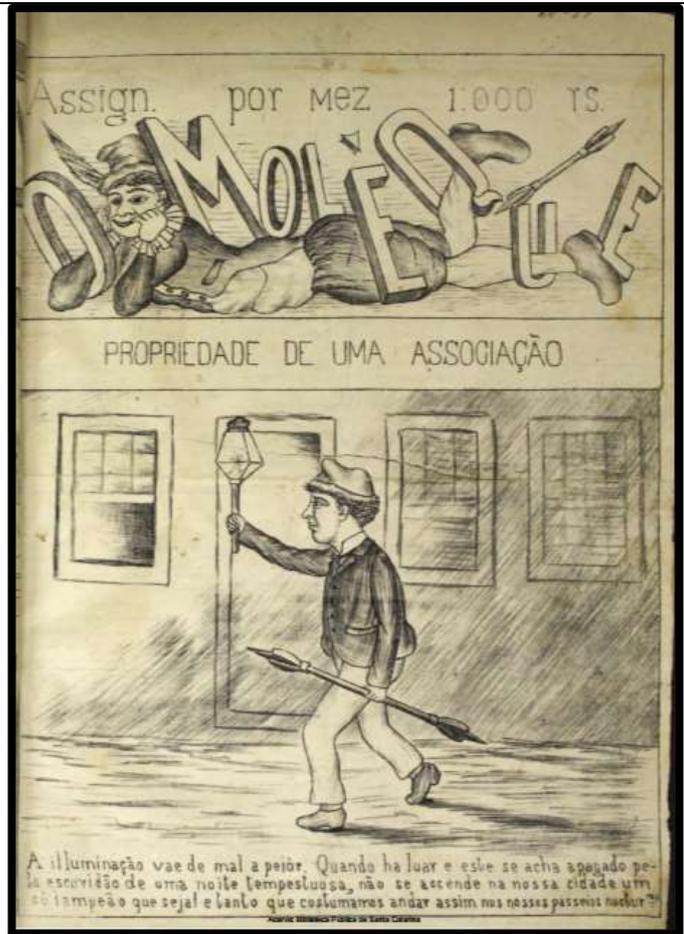
Capa do jornal *O Moleque*. Desterro, 16 de abril de 1885.

Anexo B – Fontes da Segunda Sequência Didática

Fonte 1

*Capa do Jornal O Moleque.
Desterro, 16 de abril de 1885.*

Legenda: A iluminação vai de mal a pior. Quando há luar e este se acha apagado pela escuridão de uma noite tempestuosa, não se ascende na nossa cidade um só lampião que seja! E tanto que costumamos andar assim nos nossos passeios noturnos



Fonte 2

Trecho do artigo “Progresso” publicado no jornal O Clarão de 20 de agosto de 1911.

“Florianópolis, a capital dos heróis dormia pacata, erma e esquecida. (...) Morria lentamente o viajante que aqui aportava: só tinha para apreciar os encantos da natureza. Mas tudo isso desaparecia quando o sol (...) dava lugar a tétrica noite que amortalhava tudo! Então o viajante a comparava com um grande cemitério

Florianópolis sonhava com o progresso. (...)

Caminhamos! Caminhamos sempre! O século das luzes é nosso século! Sigamos!”

Mariatur

Anexo C – Fontes da Terceira Sequência Didática

Fonte 1

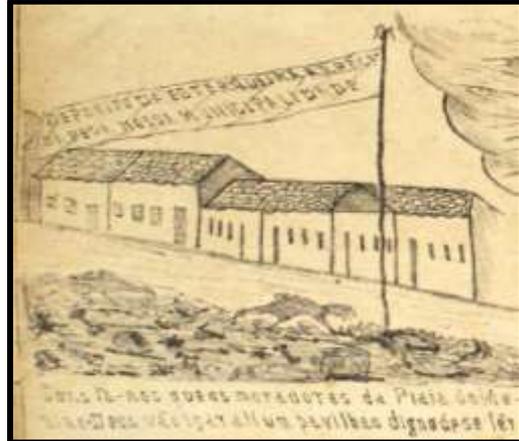
Imagem extraída do jornal *O Moleque* publicado no dia 16 de abril de 1885.



Legenda: Por exemplo: mandar limpar a Praia do Menino Deus, que é o lugar onde se faz todas as limpezas.

Fonte 2

Imagem extraída do jornal *O Moleque* publicado no dia 19 de julho de 1885.



Legenda 1: Depósito da esterquia arrecadada pela nossa municipalidade.

Legenda 2: Consta-nos que os moradores da Praia do Menino Deus vão içar ali um pavilhão digno de se ler.

Fonte 3

Trecho do artigo “Praia do Menino Deus” publicado no jornal *O Moleque* em 19 de julho de 1885.

“(..) este assunto de praia (...) lembra imundice, enxurro, podridão (...) precisamos falar da praia e sempre da praia.

Pois esta praia, esta tão simpática e conhecida, que vê desfilar na sua frente todos os carnavais, todas as procissões (...) todas as manifestações políticas, esta praia, dizemos, não tem sequer as honras de limpeza, é uma praia suja.”

Fonte 4

Trecho de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina pelo Dr. Francisco José da Rocha, em 21 de julho de 1886, p. 246.

“Bem a nosso contra-gosto cumpre-nos antes de tudo fazer algumas considerações higiênicas sobre esta capital (...). Alguns córregos imundos, e que servem de escoadouro a toda sorte de despejos da população (...) A falta de limpeza permanente, a estagnação de suas minguadas águas, seu fundo lodoso e cheio de embarços, muito contribuem se não são causas bastantes para viciar a atmosfera, tornando-se assim verdadeiros focos de infecção (...)”

Anexo D – Fontes da Quarta Sequência Didática

Fonte 1

Capa do jornal *O Moleque* publicado em 6 de março de 1885.



Legenda: O novo inspetor de saúde do Porto passa revistas às suas pupilas, prometendo-lhes a sua proteção

Fonte 2

Imagem extraída do jornal *O Moleque* publicado no dia 16 de agosto de 1885.



Legenda: Ao passarmos, porém, pela praia do Menino Deus, encontramos a D. Tifoide a passeio.

Fonte 3

Trecho do livro *“A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão”*

“Na virada do século XIX, os higienistas europeus definiram as intervenções no espaço urbano como essenciais para o controle das doenças, exorcizando as ameaças das grandes aglomerações populacionais. (...) A canalização física dos fluidos, a água encanada, o esgoto, etc., está ligada à ideia de que estas intervenções controlariam as doenças e demais ameaças. O saneamento e a reorganização da vida urbana garantiriam a transformação do meio ambiente degradador e formador de um bom cidadão”

NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina: modernidade e exclusão.** Florianópolis: EdUFSC, 2003. p.52

Anexo E – Fontes da Quinta Sequência Didática

Fonte 1

Trecho do artigo “Zig-Zags políticos” publicado no jornal O Moleque no dia 10 de maio de 1885.

“Em 1885, na hora bastante adiantada em que vai a civilização, a literatura, as artes, a indústria, a agricultura e progresso material e intelectual do quase todo o mundo, o Brasil, uma nação ainda infantil comparada as velhas nações da Europa, mas já muitíssimo conceituada(...) entre todas as outras possui mais de um milhão de escravos e continua a ser (...)o pedaço enorme da América do Sul ensombrado pela asa imensa do corvo da escravidão.”

Fonte 2

Trecho do artigo “Abolicionismo” publicado no jornal O Moleque no dia 12 de outubro de 1885.

“O Ceará que foi o berço da literatura (...) quis também ser a cabeça libertadora da raça escrava deste país: (...) conseguiu este aleluia supremo: Não há mais escravo no Ceará. (...) A abolição, a grande obra do progresso é uma torrente que se despenca; não há mais lhe por embaraços a sua carreira vertiginosa.”

Fonte 3

Trecho de relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província de Santa Catarina pelo Dr. Augusto Fausto de Souza, em 1 de setembro de 1888, p. 5.

Do mesmo modo que em todos os pontos do Brasil, foi nesta Capital recebida com verdadeiro entusiasmo a lei que extinguiu malfadada instituição, que há mais de três séculos, dividia na nossa terra a raça humana em opressores e oprimidos (...)

(...) ao raiar de 13 de maio deste ano, já não havia escravos em sua Província, graças ao espírito filantrópico de seus habitantes e a eficaz propaganda realizada pela imprensa e por um grupo de nobres cidadãos. (...) Glória a esses cidadãos! (...)

Anexo F – Mapa da Ilha de Santa Catarina e litoral adjacente no século XIX